

**A arquitetura vernácula da ilha de Santa
Maria**
Reabilitação e adaptação da casa rural mariense
(Versão final após defesa)

Vanessa Sofia Bettencourt Teodoro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Mestrado Integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins Nepomuceno

dezembro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Vanessa Sofia Bettencourt Teodoro, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 42006 de/o Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade de Engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 20/12/2023

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Vanessa Bettencourt Teodoro

Dedicatória

Com muito carinho, aos meus pais e avós.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à professora Ana Maria Martins, desde logo pela disponibilidade e confiança que sempre manteve em mim.

Aos meus pais, e irmãos que acreditaram em mim, sempre me apoiaram de uma forma que serei eternamente grata, desde o início do percurso, pela paciência dos desaforos e da dificuldade de viver longe da “minha ilha”.

Aos meus sobrinhos, Leonor e Artur que nestes cinco anos estive mais ausente das vossas vidas, e tive de vos ver crescer ao longe.

Aos meus avós, sem exceção que me transmitiram a sua paixão pela terra mariense, e o poder fazer mais e melhor, mas principalmente à minha avó materna que sempre esteve ao meu lado, e partiu no final do meu percurso académico, mas sei que se orgulha.

Ao Pedro por todo o apoio incondicional, motivação, a disponibilidade para toda ajuda no percurso e trabalho de campo para a dissertação.

Aos meus amigos e amigas, que sempre estiveram presentes ao longo destes anos, tanto para os momentos menos felizes como nos momentos de alegria e diversão em particular à Júlia e a Lívia que marcaram o meu percurso e foram a minha família.

À equipa da buildingazores, pelo apoio e pela disponibilidade, dado ao tempo que despenderam e as informações/bibliografia essenciais sobre as casas típicas marienses.

Resumo

A casa mariense rural da ilha de Santa Maria é o foco da investigação, sendo que esta possui uma grande carga simbólica para a ilha, pois, representa a identidade do povo, refletindo a especificidade do lugar. A casa mariense é parte integral da paisagem, em que tem uma identidade própria, muito expressiva nas diferentes freguesias, sendo esta, a que se pretende ressaltar. As casas podem-se diferenciar das mais abastadas às modestas, das rurais às urbanas. Os vários modelos de casas marienses traduzem-se através das estratégias que utilizavam na implantação, em que as mesmas se adaptavam de lugar para lugar devido à topografia, onde existem planícies e vales, como consequência no desenho das tipologias. Estas, foram sofrendo alterações ao longo dos anos, alterando o modelo da casa, com características pontuais nas fachadas ou mesmo na sua dimensão devido a ampliações feitas a partir da tipologia original, podendo ser alterada ou mesmo já feitas de raiz. Atualmente, continua a haver alterações na casa típica, em que se fazem ampliações devido à pequena dimensão das casas existentes, havendo necessidade de as aumentar. No entanto, ao reabilitar o existente, por vezes incorporasse um módulo contemporâneo, com uma linguagem arquitetónica distinta da casa típica.

A dissertação parte da caracterização geral da ilha, do estudo e análise dos modelos das casas típicas marienses evidenciando e analisando as tipologias mais representativas da ilha, assim como os vários elementos principais que a constituem, fachadas, plantas, materiais, métodos construtivos. Consequentemente analisam-se casos de reabilitação e adaptação destas casas típicas. O objetivo principal é evidenciar a importância da memória perante estas habitações, do local e do património existente na ilha, que desempenham papéis cruciais na construção da identidade e imagem características do lugar.

Palavras-chave

Arquitetura vernácula; Tipologia habitacional; Casa mariense; Ilha de Santa Maria; Reabilitação; Adaptação;

Abstract

The rural mariense house on the island of Santa Maria is the focus of this investigation. It has a great symbolic significance for the island, as it represents the identity of the people and reflects the specificity of the place. The mariense house is an integral part of the landscape, in which it has its own identity, very expressive in the different parishes, and this is the one we want to highlight. Houses can differ from the wealthiest to the most modest, from rural to urban. The various models of houses in Santa Maria are reflected in the strategies they used in their implantation, in which they adapted from place to place due to the topography, where there are plains and valleys, as a consequence in the design of the typologies. These have undergone changes over the years, altering the model of the house, with specific features on the façades or even in its size due to extensions made from the original typology being replicated or even being made from scratch. Currently, there are still alterations to the typical house in which extensions are made due to the small size of the existing houses and the need to enlarge them. However, when rehabilitating the existing one, sometimes a contemporary module is incorporated, with an architectural language that is distinct from the typical house.

The dissertation starts with a general characterization of the island, the study and analysis of the models of the typical houses of Santa Maria, highlighting and analyzing the most representative typologies of the island, as well as the various main elements that make it up, façades, floor plans, materials, construction methods. Consequently, cases of rehabilitation and adaptation of these typical houses are analyzed. The main aim is to highlight the importance of memory in relation to these houses, the location and the island's existing heritage, which play crucial roles in building the identity and image characteristic of the place.

Keywords

Vernacular architecture; Housing typology; Casa mariense; Santa Maria Island
Maria; Rehabilitation; Adaptation;

Índice

Capítulo 1 Introdução	1
1.1 Justificação temática	1
1.2 Objetivos	1
1.3 Metodologias	2
1.4 Estrutura	2
1.5 Estado da Arte	3
1.5.1 A ilha de Santa Maria e o território açoriano em geral	4
1.5.2 Casas típicas rurais mariense	5
Capítulo 2 A ilha de Santa Maria	8
2.1 Enquadramento geral	8
2.1.1 A ilha de Santa Maria	10
2.2 Contextualização histórica	11
2.2.1 Povoamento	13
2.3 Caracterização geral do território mariense	20
Capítulo 3 A casa mariense – identidade arquitetónica da ilha	29
3.1 As casas rurais e a influência da envolvente - Da terra ao mar	29
3.1.2 O habitar mariense – identidade e vivências	31
3.2 As casas rurais marienses	33
3.2.1 Morfologia – Modelo síntese	34
3.2.2 Tipologias existentes das casas típicas marienses	41
3.2.3 A casa de meia-loja/”Casa balcão”	43
3.2.4 A casa dobrada	45
3.2.5 A casa com fachada triangular	46
3.2.6 A casa típica de duas águas	47
3.2.7 A casa em L	49
3.2.8 A casa típica alongada	51
3.2.9 A casa rural abastada	52
3.2.10 Síntese das tipologias existentes	54
3.3 Técnicas e materiais construtivos	55
3.3.2 Interior das habitações	55
3.3.2 Exterior das habitações	57

Capítulo 4 Tipologias marienses – A sua evolução	62
4.1 A modernização das tipologias existentes	62
4.1.1 A insularidade como influência	62
4.2 Exemplos de alterações e adaptações	63
4.3 Casos de estudo – Reabilitação	69
4.3.1 Caso de estudo – São Pedro, Reabilitação de casa-tipo com ampliação	71
4.3.2 Caso de estudo – Santa Bárbara, Reabilitação de uma casa balcão	72
4.3.3 Caso de estudo – São Pedro, Reabilitação de casa com fachada triangular	74
4.3.4 Caso de estudo – Santa Bárbara, Norte, Reabilitação de uma tipologia de casa alongada	76
4.3.5 Caso de estudo – Praia Formosa, Reabilitação de casa-tipo abastada	78
4.3.6 Caso de estudo – Praia Formosa, Reabilitação de casa balcão e adaptação de edifício	79
4.4 Síntese do capítulo	83
Capítulo 5 Considerações finais	84
Bibliografia	86
Apêndice I – Índice de elementos gráficos	88
Apêndice II - Fichas-tipo / Registo Fotográfico	95

Lista de Figuras

- Figura 1** – Mapa dos Arquipélago dos Açores e Portugal continental; *adaptado de* <https://mapcarta.com/pt/A%C3%A7ores/Mapa> 8
- Figura 2** – Mapa das ilhas dos Açores, 1584; retirada de <https://www.arquipelagos.pt/imagem/mapa-das-ilhas-dos-acores-luis-teixeira-1584-e-joanblaeu-1672-amesterdao-holanda/> 9
- Figura 3** – Imagem que retrata o trabalho rural, com a montanha do Pico Alto ao fundo; retirada de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=596439957040266&set=a.12220> 10
- Figura 4** – Mapa da ilha de Santa Maria, de 1968; retirado de <https://www.arquipelagos.pt/imagem/ilha-de-santa-maria-carta-militar-de-1968-acores/> 11
- Figura 5** – Aeroporto de Santa Maria, anos 50; retirada de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1446262278724692&set=a.1210> 12
- Figura 6** – Área dos Anjos atualmente, com a Praia de Lobos ao fundo, 2022; fotografia de Wildviewers 13
- Figura 7** – Vista sobre Almagreira e Vila do Porto, 2022; fotografia de Wildviewers 15
- Figura 8** - Esquema da distribuição e ocupação humana no século XV, 1982; retirada de <http://hdl.handle.net/10400.3/599> 15
- Figura 9** – Baía de São Lourenço, 1878; fotografia de Maurício Travassos 16
- Figura 10** – Baía de São Lourenço atualmente, 2022; fotografia da Wildviewers 16
- Figura 11** – Carreira, freguesia de Almagreira, 1978; retirada de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=549748048376124&set=a.121039751246958> 17
- Figura 12** – Distribuição agrícola da ilha do séc. XVI, 1982; retirada de <http://hdl.handle.net/10400.3/599> 17
- Figura 13** – Distribuição agrícola da ilha do séc. XVII e XVIII, 1982; retirada de <http://hdl.handle.net/10400.3/599> 18
- Figura 14** – Arrebetão, Santa Bárbara, s/d; retirada de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=606084116075850&set=a.493549757329287> 18
- Figura 15** – Distribuição agrícola da ilha do séc. XIX, 1982; retirada de <http://hdl.handle.net/10400.3/599> 19

Figura 16 – Arrebentão, Santa Bárbara, 2013; retirada de https://www.facebook.com/photo/?fbid=622276307789964&set=a.493549757329287	19
Figura 17 – Zona do Saramago, em São Pedro, 2023; fotografia da autora	20
Figura 18 – Vista dos Canaviais para o Pico do Facho, 2023; fotografia da autora	21
Figura 19 – Ilhéu das Lagoinhas, 2022; fotografia de Wildviewers	22
Figura 20 – Valverde, com caminhos em terra, s/d; retirada do livro “A ilha do Gonçalo Velho” de Jaime Figueiredo	23
Figura 21 – Valverde, com o Pico Alto ao fundo, 2023; fotografia da autora	23
Figura 22 – Habitações na Praia Formosa, 1960; retirada de https://www.facebook.com/photo/?fbid=1982207388463509&set=a.121039751246958	24
Figura 23 – Praia Formosa, 2023; fotografia de Gonçalo Melo	24
Figura 24 – Feteiras de São Pedro, 2013; retirada de https://www.facebook.com/photo/?fbid=635344253149836&set=a.160873477263585	25
Figura 25 – Santa Bárbara, s/d; retirada de https://www.facebook.com/photo/?fbid=622276291123299&set=a.493549757329287	25
Figura 26 – Ponta da Salina, atrás da baía de Cura, 2022; fotografia de Wildviewers	26
Figura 27 – Norte, Santa Bárbara, 2022; fotografia de Wildviewers	26
Figura 28 – Quartéis de vinha na baía de São Lourenço, 2022; fotografia de Wildviewers	27
Figura 29 – Aveiro, Maia, 2022; fotografia de Gonçalo Melo	28
Figura 30 – Cascata do Aveiro, Maia, 2022; fotografia de Gonçalo Melo	28
Figura 31 – Costa sul, e o farol da Maia ao fundo, 2022; fotografia de Wildviewers	28
Figura 32 – Mapa das “terras” da ilha de Santa Maria, Açores, 2023; adaptado de https://mapcarta.com/pt/A%C3%A7ores/Mapa	30
Figura 33 – Adaptação das casas ao terreno, 2023; fotografia da autora	31
Figura 34 – Balcão de uma casa típica, s/d; retirado de https://www.facebook.com/photo/?fbid=635397249811203&set=a.122207124463554	32
Figura 35 – Família a trabalhar nas terras, s/d; retirado de https://www.facebook.com/photo/?fbid=959507307400194&set=a.122207124463554	32
Figura 36 – Casa típica, rodeada de família e vivências na Fonte do Jordão, Santo Espírito nos anos 50; retirada de https://www.facebook.com/photo/?fbid=713180122032915&set=a.137541119596821	33
Figura 37 – Casa rural mariense, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	34
Figura 38 – A individualidade da casa típica, e o seu destaque perante o	35

território mariense, SantoEspírito, 2023; fotografia da autora	
Figura 39 – Plantas de modelos de casa típica, 2023; adaptado pela autora da Builingazores	36
Figura 40 – Casa típica mariense, 2023; fotografia da autora	36
Figura 41 – Paisagem com casas típicas ao fundo e dispersas nos terrenos, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	37
Figura 42 – Palheiro integrado com curral (interior com pormenores em cantaria), 2023; fotografia da autora	38
Figura 43 – Janela pequena do forno, Santa Bárbara, 2019; fotografia da Buildingazores	39
Figura 44 – Interior da casa, área da cozinha, o arco e o forno, 2020; fotografia da Buildingazores	39
Figura 45 – Sistema do forno da casa mariense, 2023; fotografia da autora	40
Figura 46 – Exemplo da chaminé antiga, e a chaminé cilíndrica, 2023; fotografia da autora	41
Figura 47 – Exemplo de casa balcão, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	43
Figura 48 – Exemplo de casa balcão de menor dimensão, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	43
Figura 49 – Casas balcão em estado de degradação avançado, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	44
Figura 50 – Planta de um exemplo de uma casa de meia-loja, 2023; adaptado pela autora da Builingazores	45
Figura 51 – Casa dobrada, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	45
Figura 52 – Casa dobrada/telhado múltiplo, São Pedro, 2023; fotografia da autora	46
Figura 53 – Fonte do Jordão, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	46
Figura 54 – Calheta, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	47
Figura 55 – Planta síntese de um exemplo de casas de duas águas, com piso -1, térreo e sotão, 2023; adaptado pela autora da Builingazores	48
Figura 56 – Casa de duas águas, adaptada ao declive do terreno, tendo balcão e loja, Santo Espírito; adaptado pela autora da Builingazores	48
Figura 57 – Calheta, Santo Espírito, 2022; fotografia da Buildingazores	49
Figura 58 – Planta de exemplo de casa em L, 2023; adaptado pela autora da Builingazores	50
Figura 59 – Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	50
Figura 60 – Glória, Santo Espírito, 2023; fotografia da autora	50

Figura 61 – Casa alongada na Graça, Almagreira, 2023; fotografia da autora	51
Figura 62 – Exemplo de casa alongada em Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	51
Figura 63 – Casa abastada na Praia Formosa, Almagreira, 2023; fotografia da autora	52
Figura 64 – Plantas e Alçado da casa balcão alongada, Praia Formosa; fotografia da autora	53
Figura 65 – Síntese das tipologias existentes a partir do modelo base, 2023; esquema feito pela autora	54
Figura 66 – Pavimento em pedra de cantaria do interior de uma habitação, 2019; fotografia da Buildingazores	55
Figura 67 – Piso lajeado e em madeira; fotografia da Buildingazores	56
Figura 68 – Porta de madeira com bandeira na parte superior, 2023; fotografia da autora	56
Figura 69 – Elementos arquitetónicos de uma fachada em Vila do Porto, Santa Maria; retirada do livro Plano de Salvaguarda da Vila do Porto, Gouveia, 1992	57
Figura 70 – Cores tradicionais da ilha; retirada do livro Plano de Salvaguarda da Vila do Porto, Gouveia, 1992	57
Figura 71 – Beiral da casa típica, 2023; fotografia da autora	58
Figura 72 – Diferentes tipos de molduras de vãos (simples, triangular e com cornijas salientes), 2023; fotografia da autora	59
Figura 73 – Muro da casa típicas, socos, cunhais e molduras pintados, Almagreira 2023; fotografia da autora	59
Figura 74 – Janela de guilhotina com portada, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	60
Figura 75 – Janelas e portas tradicionais das casas marienses; retirada do livro Plano de Salvaguarda da Vila do Porto, Gouveia, 1992	60
Figura 76 – Caleira proveniente da cisterna de baixo do balcão, onde sai as águas da chuva aproveitadas na casa, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	61
Figura 77 – Paisagem com casas típicas em Santa Bárbara, que permite observar a relação entre o construído e a natureza, 2023; fotografia da autora	62
Figura 78 – Exemplo de uma ampliação na parte tardoz da casa, e a fachada principal, Santo Espírito, 2022; fotografia da autora	63
Figura 79 – Casa típica de modelo-tipo com ampliação na parte tardoz, São Pedro, 2023; fotografia da autora	64
Figura 80 – Casa-tipo com ampliação no alçado tardoz, Santa Bárbara; fotografia da Buildingazores	65

Figura 81 – Planta de piso da casa com ampliação, Santa Bárbara; adaptado pela autora da Builingazores	65
Figura 82 – Área interior da ampliação tardoz, Santa Bárbara; fotografia da Buildingazores	65
Figura 83 – Casa alongada, com ampliação tardoz, Carreira, 2023; fotografia da autora	66
Figura 84 – Casa de meia-loja com ampliação na retaguarda da habitação, Carreira, 2023; fotografia da autora	66
Figura 85 – Casa em L, com ampliações, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	67
Figura 86 – Casa na Faneca, com anexo exterior lateral, 2023; fotografia da autora	67
Figura 87 – Casa rural mariense com sucessivas alterações, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	68
Figura 88 – Obra em andamento de uma reabilitação e ampliação de casa típica, mantendo o volume da casa existente, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	69
Figura 89 – Outro ângulo da obra de reabilitação e ampliação da casa típica que mostra a caixa do forno, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	70
Figura 90 – Casa-tipo, reabilitação em São Pedro, 2023; fotografia da autora	71
Figura 91 – Casa balcão antes da reabilitação, Santa Bárbara, 2019; fotografia da Buildingazores	72
Figura 92 – Casa balcão reabilitada, Santa Bárbara, 2023; fotografia da autora	72
Figura 93 – Plantas de piso da casa balcão reabilitada, em Santa Bárbara, 2023; adaptado pela autora da Builingazores	73
Figura 94 – Casa de fachada triangular, fase inicial de obra, 2018; fotografia da Buildingazores	74
Figura 95 – Casa de fachada triangular reabilitada, obras finalizadas, 2023; fotografia da autora	74
Figura 96 – Plantas de piso da casa de fachada triangular, São Pedro; adaptado pela autora da Builingazores	75
Figura 97 – Casa alongada, fachada principal antes da reabilitação, Santa Bárbara, Norte, 2016; fotografia da Buildingazores	76
Figura 98 – Casa após a reabilitação, fachada principal, Santa Bárbara, 2021; fotografia da Buildingazores	76
Figura 99 – Casa alongada, fachada do alçado tardoz antes da reabilitação, Santa Bárbara, Norte, 2016; fotografia da Buildingazores	77

Figura 100 – Casa após a reabilitação, fachada tardoz, Santa Bárbara, 2021; fotografia da Buildingazores	77
Figura 101 – - Casa reabilitada na Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	78
Figura 102 – Conjunto de casas antigas, antes das alterações, Praia Formosa, 2000; fotografia da autora	79
Figura 103 – Conjunto das casas atualmente, com alterações, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	79
Figura 104 – Fachada principal da reabilitação da casa balcão, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	80
Figura 105 – Parte superior da casa, com a chaminé a vapor, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	80
Figura 106 – Arco em cantaria, na cozinha, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	81
Figura 107 – Corredor de transição para área ampliada, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	81
Figura 108 – Estrutura do telhado em madeira à vista, na área interior da casa, Praia Formosa, 2023; fotografia da autora	82

Capítulo 1 | Introdução

1.1 Justificação temática

Através da pesquisa realizada denota-se que existe pouca informação disponível para consulta sobre a casa típica mariense, e a arquitetura da ilha em geral, assim como existem poucos desenhos técnicos disponíveis, principalmente das casas e as suas várias tipologias, que fazem parte do património arquitetónico da ilha.

A investigação irá partir de uma análise da ilha, em que destaca a importância que do lugar e a sua influência sobre a arquitetura local, contextualizando e descrevendo o território mariense, desde o início da ocupação da ilha. Irá realizar a definição e análise dos vários modelos das tipologias arquitetónicas habitacionais da casa mariense, revelando os aspetos mais importantes e exaltando muitas das características que se tentam recuperar. Demonstrar também, as adaptações e alterações feitas com o passar do tempo nas casas típicas, e alguns exemplos com projetos de reabilitação feitos nos últimos anos. A fim de sensibilizar e exemplificar com as intervenções feitas, de modo a revelar a importância do lugar sobre a arquitetura e vice-versa, havendo a necessidade de manter o equilíbrio, e ter em conta que todas as decisões arquitetónicas tomadas, tem um impacto no território e paisagem local, pois as casas típicas fazem parte da paisagem da ilha, ou seja, destacar cada vez mais, a importância de coerência e harmonia nas intervenções contemporâneas, e ao mesmo tempo solucionando as necessidades atuais.

Deste modo, este estudo poderá facilitar, promover pesquisas e projetos futuros de arquitetura habitacional rural da ilha. Com isso promover também a qualidade e diferenciação arquitetónica local, e mostrar, a necessidade de cada vez mais se recuperar e preservar, esta parte importante e significativa do património cultural dos Açores. Património este, que revela uma importância crucial para os marienses, a identidade, a até pela coerência e qualidade das tipologias mariense, a nível formal, espacial e construtivo, que são facilmente adaptáveis a novas soluções, as novas perspetivas de reabilitações.

1.2 Objetivos

Os objetivos desta investigação são contribuir para o estudo e análise de parte da arquitetura e paisagem da ilha de Santa Maria, que é a casa rural mariense, pelo que se pretende estudar os elementos que constituem a casa mariense, refletindo a identidade do seu povo e do lugar, visando que a casa típica faz parte desta paisagem rural, é um elemento integral.

Através dessa análise do lugar, especificar e sintetizar os modelos da casa típica existentes, bem como analisar as transformações e evoluções que essas estruturas têm sofrido ao longo do

tempo. Identificando quais as problemáticas existentes para habitar na casa típica, e como se tem feito essa adaptação ou reabilitação, de forma que se resolvam os problemas do quotidiano.

Para alcançar, os objetivos desta dissertação, estes que incluem a identificação das tipologias e a síntese das características predominantes, bem como a comparação das adaptações realizadas ao correr dos anos e dos projetos de reabilitação implementados, foi conduzido um extenso trabalho de campo. Esse processo envolveu a documentação fotográfica de inúmeras tipologias de casas típicas, permitindo-nos uma base sólida para comparações e a identificação das principais características distintivas.

1.3 Metodologia

A investigação decorreu com trabalho de campo: levantamentos arquitetónicos, observação *in situ* e registo fotográfico dos locais, recolheram-se elementos gráficos, cartográficos, bibliográficos (com pesquisa em arquivos e bibliotecas), fez-se a adaptação e tratamento de algumas plantas em CAD, de modo a proceder-se ao estudo e análise dos dados recolhidos com vista a uma síntese e retirada de conclusões.

Com a recolha de toda a informação, abordou-se o espaço em que se insere a casa mariense, a ilha de Santa Maria e as suas características e influências, evidenciando a relação da arquitetura com a paisagem. Consequentemente refletiu-se sobre a casa típica mariense fazendo uma análise e síntese da(s) tipologia(s) assim como a envolvente que a(s) integram. Ao longo do tempo a casa mariense foi ampliada e adaptada, alterações estas que foram mantidas até à atualidade. Por outro lado, a casa mariense foi também alvo de reabilitações contemporâneas que foram tidas em conta para a retirada de conclusões. Nesta dissertação foram elaborados esquemas de síntese com base na recolha de informação realizada, plantas tipológicas, que permitiram retirar conclusões, e que fazem parte da dissertação. No final segue sob a forma de apêndice, o registo fotográfico feito por toda a ilha, que foram tiradas e realizadas pela autora.

1.4 Estrutura

A dissertação está dividida em cinco capítulos, em que o primeiro capítulo é o de introdução ao tema das casas rurais típicas na ilha de Santa Maria, revelando a justificação temática, objetivos, como se procedeu ao estudo e as recolhas de informação, a estrutura e o estado da arte da dissertação.

O segundo capítulo faz o enquadramento da ilha, partindo do geral para o particular, a contextualização histórica da ilha, e uma descrição do território mariense, visando este último destacar a importância do lugar (ilha) na arquitetura mariense.

O terceiro capítulo é constituído pela identificação das casas rurais marienses, partindo do modelo de casa-tipo da casa rural, a análise e síntese de cada variação tipológica existente na ilha. Partindo do trabalho de campo, em que se fez um registo fotográfico por toda a ilha, só

assim sendo possível fazer uma sintetização a nível espacial e construtivo, demonstrando no final do capítulo, com mais detalhe, alguns dos pormenores construtivos e materiais utilizados nas casas típicas rurais marienses.

O quarto capítulo apresenta a evolução das casas marienses, no sentido de que estas casas ao passar dos anos, vão sendo adaptadas e submetidas a alterações, visando responder a uma necessidade, de quem nela habita. Seguindo, da apresentação de casos de estudo de reabilitação, que são casas que passaram por projetos arquitetónicos, estes que se diferenciam dos anteriores, por serem “pensados”, visando aspetos arquitetónicos com preocupação, não só do bem-estar de quem habita estas casas, mas também, a integração da casa e ampliação ao local a que está inserida, destacando esta importância no final na síntese do capítulo.

O quinto capítulo e capítulo final, interpreta de certa forma, a informação recolhida, desde o nível de diferenciação tipológica, à evolução feita através de alterações e reabilitações apresentadas nos casos de estudo, em que são destacados alguns aspetos comparativos relativamente às alterações, adaptações e reabilitações. Refletidos ao longo da dissertação com o auxílio de desenhos técnicos, fotografias antigas e atuais, e a inventariação de todos os elementos retirados no trabalho de campo que estão representados nos apêndices finais.

1.5 Estado da Arte

Neste tema da dissertação, é possível identificar várias obras com temáticas em relação à mesma, algumas em outros locais, ou ilhas. Em que foi possível selecionar algumas obras que têm este tema em foco ou relacionados.

Na realização desta, foram selecionados alguns dos autores que geraram um impacto relevante e significativo para esta dissertação, fazendo a divisão por temas. Quanto ao estudo e análise da ilha de Santa Maria, a arquitetura tradicional mariense, principalmente as casas marienses, nomeadamente no seu contexto rural e a sua evolução. Destacando assim neste Estado de Arte, os conteúdos mais importantes, que permitiram identificar os conceitos e abordagens principais para esta pesquisa.

Destacando também que muitas das obras que irão ser realçadas, foram fundamentais, mesmo não se relacionando diretamente com o tema das casas rurais marienses, mas que deram uma diretriz, devido à escassa informação sobre as casas marienses. Pois muita da informação foi retirada in situ, com um extenso trabalho de campo, apoiado por algumas informações de autores.

1.5.1 A ilha de Santa Maria e o território açoriano em geral

Por volta de 1982, no artigo de João de Medeiros Constância com o título, *A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX)*, que além de fazer o enquadramento da ilha nos Açores, este revela a evolução da ilha, englobando as suas características principais, o início do povoamento, a evolução das terras marienses, tal como a expansão da ilha e freguesias, com esquemas da ocupação humana na ilha. Uma interpretação completa, com um rigor na caracterização da ilha, que interpreta as produções e exportações que faziam, relatando também as dificuldades passadas em outros tempos e os momentos mais importantes de grande impacto na economia mariense.

Na segunda obra, de Jaime Figueiredo, no livro *“A ilha de Gonçalo Velho”*, este retrata a vida na ilha de Santa Maria, assim como as vivências passadas, uma obra de 1990, que apela à história, desde da descoberta, aos piratas, à definição do território e tradições. Em que demonstra a importância do território mariense, por gerações e vivências, destacando este lugar individualizado, com as paisagens que caracterizam a ilha. Relata a conceito de casa mariense, de lar, a arquitetura de produção, a realidade daquela época, que em na maior parte das famílias, o sustento vinha das suas terras.

Na terceira obra *“O povo de Santa Maria seu falar e suas vivências”* de 2021, de Arsénio Puim, que identifica os termos marienses no seu livro, as falas populares da ilha, mostrando a influência de outras culturas, muito possivelmente introduzida e aperfeiçoada pelos seus colonizadores. Além disto, relata também um pouco da história e atividades populares que existem ou existiram na ilha, relatando as histórias e vivências de outros tempos, dos anos da “debulha de milho” e como se trabalhava na terra. Retrata também a arquitetura da ilha, as casas marienses, assim como a importância das baías de São Lourenço e Maia para a cultura do vinho, a histórias da pesca à baleia. Assim sendo, esta obra oferece uma compreensão valiosa da herança cultural mariense.

Na última obra, o artigo de José Damião Rodrigues, sobre a *“Sociedade e administração nos Açores (Séculos XV-XVIII)”* faz uma caracterização da história da ilha completa, desde o seu descobrimento, fundamental para complementar a parte história e o povoamento da ilha.

Constância, J. d. (1982). *A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX)*. Açores - Ilha de Santa Maria: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/599>

Figueiredo, J. d. (1990). *Ilha de Gonçalo Velho*. Vila do Porto, Açores, Portugal/Ilha de Santa Maria: Nova Gráfica - Ponta Delgada.

Puim, A. C. (2021). O Povo de Santa Maria o seu falar e suas vivências . Ilha de Santa Maria : Revista Acrescentada - 2º edição.

Rodrigues, J. D. (1995). O Caso de Santa Maria - Sociedade e Administração dos Açores (séculos XV-XVIII). Sociedade e Administração dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/487>

1.5.2 Casas típicas rurais mariense

No enquadramento geral da ilha de Santa Maria no arquipélago dos Açores, e a arquitetura mariense, teve uma grande influência o livro de João Vieira Caldas, *A arquitetura Popular dos Açores*, 2007, é um levantamento da arquitetura popular dos açores que constitui parte do património construído do arquipélago. Este levantamento teve início na década de oitenta, relevando as características únicas do património. Além do enquadramento do Arquipélago, destaca informações sobre o povoamento e território mariense, este faz uma abordagem completa da arquitetura da ilha, em que de forma esquemática enquadra e faz o resumo da evolução das casas marienses, desde os seus inícios, à evolução dos modelos atuais, destacando o modelo típico rural como casa mariense. Apelando ao desafio que é a conservação do património, pois este é um registo de um habitar, em muitos dos exemplos expostos, já sofreram alterações ao longo dos anos, ou estão em um estado de degradação.

A obra do “*Inventário do Património Imóvel dos Açores, de Santa Maria*”, publicada em 2005, faz o estudo e catalogação do património imóvel da ilha, incluindo da casa mariense, relacionando-se com a temática da dissertação, compilando um levantamento detalhado sobre a arquitetura local, organizada seguindo critérios, como a identificação, localização, a sua caracterização, demonstrando um registo fotográfico, a descrição de cada elemento arquitetónico, a época de construção e o estado de conservação.

Na terceira obra, trata-se do livro de José Manuel Fernandes, “*Cidades e Casas da Macaronésia*”, que parte de uma tese de doutoramento (1996), que introduz conceitos, metodologias, conteúdos e tipologias/modelos. Este trabalho está dividido em três partes principais, o urbanismo, arquitetura doméstica e as conclusões sobre os mesmos. O primeiro capítulo dedica-se à análise dos arquipélagos da Macaronésia, o segundo capítulo concentra-se nas cidades de Portugal Continental, com ênfase na Idade Média, e identifica as influências que possam ter afetado o desenvolvimento das áreas urbanas nas ilhas. O terceiro capítulo aborda as cidades insulares, examinando as suas tipologias e estruturas, com um foco especial nas cidades mais relevantes, como Funchal, Angra, Ponta Delgada e Ribeira Grande. No quarto capítulo, o foco volta-se para a casa vernácula, tanto urbana quanto rural, em Portugal Continental. Os capítulos cinco e seis, concentram-se na análise da casa urbana e da casa rural das ilhas,

explorando aspectos morfológicos e construtivos, bem como conduzindo uma análise tipológica. Destaca-se o sistema de forno-lareira doméstico e outras características distintas destas casas insulares. O trabalho é enriquecido com um amplo número de exemplos fotográficos e desenhos ilustrativos, e no sétimo e último capítulo, as conclusões abordam aspectos gerais do estudo, bem como temas específicos relacionados à casa, áreas de influência cultural e o espaço urbano.

No Plano de “*Como construir na Vila do Porto*” de 1992, com base no valor histórico e arquitetónico de Vila do Porto em Santa Maria, criam o plano de salvaguarda, um desafio para a revitalização da vila e preservação do rico património cultural e natural. Trata-se de um elemento antigo de “defesa e valorização daquilo que constitui a nossa identidade cultural” esta que revela que é um instrumento de trabalho, elaborado por técnicos, que apelam a favor da proteção, conservação e restauro dos valores patrimoniais. Esta é uma preocupação direcionada para Vila do Porto, por ser a mais antiga vila do arquipélago, mas não deixa de ser um problema atual, e que pode englobar a ilha em geral, tal como a arquitetura habitacional, as casas típicas são uma marca e identidade da ilha. Neste plano, alerta como as fachadas de Vila do Porto devem ser constituídas, os elementos que a podem integrar, desde o tipo de portas, janelas, guarda-corpos, que são utilizados nas casas rurais também, traduzindo-se na forma de glossário, na constituição de cada elemento da fachada e que constituem a imagem exterior da casa.

Na quinta obra, é uma dissertação de mestrado da Ana Rita Sampaio (2016), sobre “*A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular Micaelense - A importância do lugar na construção da identidade*”, esta dissertação incide sobre a ilha de São Miguel, e é dividida em quatro capítulos. Iniciando pelo lugar, em que faz um enquadramento geográfico, uma caracterização do espaço, a forte relação com o mar, e as estratégias de ocupação do espaço. No segundo capítulo destaca a identidade do povo, e a sua açorianidade se desdobrando desde do povoamento, às influências que esta ilha recebe, relatando o carácter e modo de vida. No terceiro capítulo, parte para a identidade arquitetónica presente, sobre a casa popular, fazendo a caracterização, e a relação perante a envolvente. No último capítulo é descrita a tipologia da Bretanha, descrevendo o local, casos de estudo e a análise da casa com esta tipologia. Alertando sempre para a importância que o lugar tem perante a arquitetura.

Caldas, J. V. (2007). *Arquitectura Popular dos Açores*. Açores: Ordem dos Arquitectos, Lisboa.

Direção Regional da Cultura & IAC-Instituto Açoriano da Cultura & Câmara Municipal de Vila do Porto. (2005). *Inventário do Património Imóvel dos Açores - Santa Maria*. Vila do Porto: Direção Regional da Cultura.

Fernandes, J. M. (1996). Cidades e Casas da Macaronésia. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Gouveia, P. (1992). Como construir na Vila do Porto . Vila do Porto - Santa Maria: Secretaria Regional da Educação/ Direção Regional dos Assuntos Culturais .

Sampaio, A. R. (2016). A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular Micaelense - A importância do lugar na construção da identidade. (Dissertação de mestrado, U. Porto - Faculdade de arquitetura - Universidade do Porto). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/85117>

Capítulo 2 | A ilha de Santa Maria

Introdução

O arquipélago dos Açores é constituído por nove ilhas, e entre elas emerge Santa Maria, a “ilha mãe”, que dá início ao povoamento açoriano, a ilha onde tudo começa. Esta que além das suas derradeiras e deslumbrantes paisagens, é conhecida pela sua arquitetura diferenciada e individualizada, bem como pela flora dourada. Dentro de todos estes aspetos, reflete também uma ilha onde se teve de iniciar tudo: a sua ocupação perante todo o isolamento, imersa no oceano Atlântico. Desde a adaptação de um novo habitar até uma condição atmosférica diferenciada, que se foi desenvolvendo a partir das suas gentes, à introdução de gado, e à introdução de diversas espécies. Foi todo um recomeçar, de quem a habitou.

2.1 Enquadramento geral

Os Açores são um arquipélago situado a Norte do Oceano Atlântico (Figura 1), constituído por ilhas vulcânicas, e próximas da falha tectónica que cruza o Atlântico em direção de norte/sul. Das suas nove ilhas, todas estas são diferenciadas tanto a nível de dimensão quanto de configuração, e são constituídas por três grupos, o grupo Oriental, que é constituído por Santa Maria e São Miguel; o grupo Central, formado pela ilha Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial; e o grupo Ocidental que é composto pela ilha das Flores e o Corvo. (Caldas, 2007, p. 16)

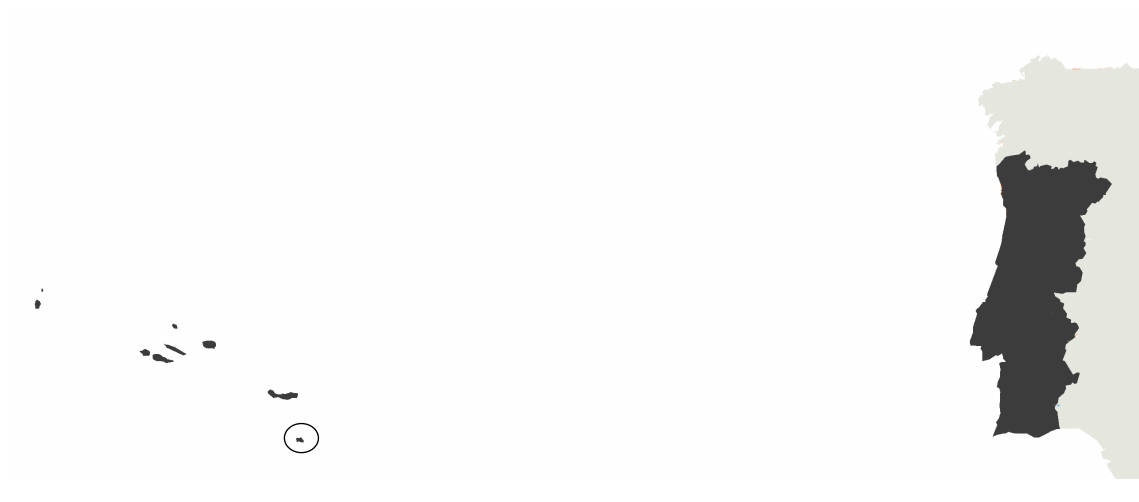


Figura 1 - Mapa do Arquipélago dos Açores e de Portugal continental, com a localização assinalada da ilha de Santa Maria

Os Açores em geral, possuem um grande nível de humidade, muito presente independentemente das estações do ano, além do vento forte, possível em todas as frentes e das chuvas fortes que podem ser existentes mesmo no verão. Isto é justificado com a orientação norte-sul na zona temperada do Norte, sobre latitudes subtropicais, somada à presença do mar, o que justifica as poucas variações térmicas entre ilhas. Contudo, as oscilações do anticiclone associado fazem com que haja uma variação atmosférica muito oscilante, o que permite em apenas um dia, experimentar “as quatro estações do ano”, levando as ilhas a serem um “encanto incerto”. (Caldas, 2007, p. 16)

As ilhas açorianas são evidentemente distintas pela vertente rural e com muita predominância na área agrícola, além da forte conexão com o mar, tal como noutros tempos a pesca à baleia. Uma fonte marítima e de comércio, que poderá ter acentuado o desenvolvimento da área rural em comparação à urbana, em que esta predomina não só por isso, mas devido ao seu isolamento. (Caldas, 2007, p. 19)

Estas ilhas (Figura 2) representam a insularidade dos seus habitantes, que tiveram de adaptar às características do território assim como o isolamento existente em cada ilha. Isso leva a uma compreensão da cultura arquitetónica existente, desde a forma como elas se integram e distribuem no território, até a sua construção e dimensão integrada ao contexto de cada região. Ser ilhéu é uma inevitável deambulação entre o mar e a terra, este que vive submerso na natureza e rodeado de mar que é algo caracterizador nos Açores, seja em que ilha for. (Caldas, 2007, p. 19 e 20)

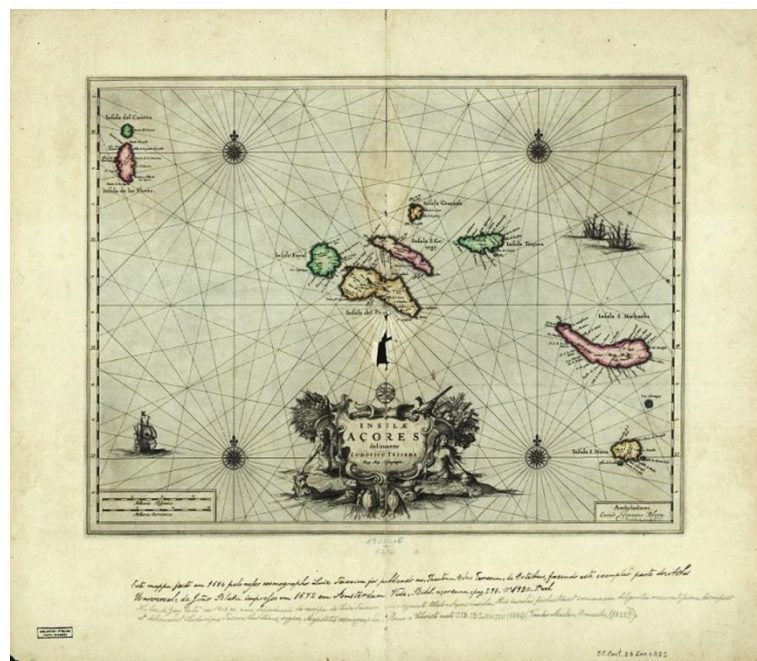


Figura 2 - Mapa das Ilhas dos Açores de Luís Teixeira, 1584 (Blaeu, 1672)

2.1.1 Ilha de Santa Maria

A percepção da arquitetura mariense remete à necessidade, desde logo, da compreensão da sua insularidade, “a ilha em que se insere”, pois esta é totalmente influenciada e determinada pela necessidade de se moldar e adaptar ao lugar. Sendo esta arquitetura individualizada e contaminada pela natureza, paisagem e pelo todo (o mar) que a envolve.

A “ilha amarela” encontra-se mais a oriental e meridional do arquipélago, foi a primeira ilha a ser descoberta, e a qual se iniciou a ocupação. É a ilha mais antiga dos Açores que passou por várias fases, apresentando uma constituição morfológica e geológica de natureza eruptiva, sedimentar e tectónica. É composta por apenas um concelho, o de Vila do Porto, e cinco freguesias, Vila do Porto, São Pedro, Almagreira, Santo Espírito e Santa Bárbara. (Direção Regional da Cultura & IAC-Instituto Açoriano da Cultura & Câmara Municipal de Vila do Porto, 2005, p.11)

Santa Maria conta com mais de 100 metros acima da linha do mar, ficando a $36^{\circ} 58'$ de latitude setentrional e a $16^{\circ} 3'$ de longitude ocidental (Meridiano de Greenwich), composta pela montanha do Pico alto (ponto mais alto da ilha com 590m) a deslumbrar e a delimitar a zona de serra (Figura 3), nela se avista a paisagem rural. Ilha em que a atividade vulcânica se encontra distinta há mais tempo, e das ilhas (incluindo as Flores) em que não existiu atividade sísmica marcante, tal como nas restantes. (Figueiredo, 1990, p.24)



Figura 3 – Imagem que retrata o trabalho rural, com a montanha do Pico Alto ao fundo (Nobrega, s/d)

A ilha, por não ter grandes altitudes, apresenta uma menor pluviosidade, mas ainda assim possui, devido a estar localizada na zona mais oriental relativamente às outras ilhas, em que a chuva aumenta no arquipélago de oriente para ocidente. Assim, Santa Maria também tem menores níveis de nebulosidade, principalmente na área ocidental, e, de todas as ilhas, é considerado o clima mais seco. Estes aspetos são diretamente influenciados também pela corrente do Golfo e pelo anticiclone dos Açores, contudo, a sua posição no arquipélago evita algumas influências, fazendo com que haja uma variação de temperatura entre os $12^{\circ} C$ e os $25^{\circ} C$, tornando a ilha com um clima ameno. (Figueiredo, 1990, p.26)

levavam população, o que levou à construção de fortificações defensivas, como o Forte de São Brás, em Vila do Porto. Santa Maria passou por períodos de prosperidade e declínio econômico, mas a atividade agrícola continuou a ser a principal fonte de renda da ilha, juntamente com a criação de gado, enfrentando desafios devido às condições climáticas adversas, tempos de grande seca e praga, que levaram a épocas de fome. Durante os séculos XVIII e XIX, a ilha teve seu auge na produção de trigo, que era exportado para outras ilhas dos Açores e para o continente. Contudo a ilha testemunhou um aumento na emigração, com muitos marienses em busca de oportunidades melhores no exterior. (Figueiredo, 1990, p.73 e 74)

Durante a Segunda Guerra Mundial, Santa Maria tornou-se um local estratégico em que se construiu a base aérea norte-americana, em 1944, e posteriormente transformou-se em aeroporto de aviação internacional transatlântica (Figura 5). Estes dois parâmetros trouxeram grande movimento, investimento e desenvolvimento para a ilha, aumentando a população de forma exponencial. Este desenvolvimento foi pelas décadas de 50/60, o que deu à população local uma certa vantagem das restantes ilhas. O que veio a diminuir nos anos seguintes, aumentando também e emigração.



Figura 5 - Aeroporto de Santa Maria, anos 50 (Monteiro, 2016)

2.2.1 Povoamento

Santa Maria é a ilha, que diz-se ter sido a “primordial” no sentido da descoberta, da ocupação e também a primeira a ser habitada. A ilha que “nos inícios”, a nível de relevo não se diferenciava muito da atualidade, era constituída por abundante “vegetação arbórea e arbustiva: faias, cedro, pau branco, ginjas, loureiro e urze”. Em que em uma das viagens de reconhecimento do lugar, deixaram gado na ilha, em que os mesmos foram abrindo “clareiras”¹ em busca de alimento. Tempos depois, chegaram os primeiros povoadores de Santa Maria. (Constância, 1982, p.225)

Gaspar Frutuoso no seu livro “Saudades da Terra”, 1971 em que relata os tempos da ocupação da ilha:

“Assim que os primeiros que saíram em terra, ali junto do mar, ao longo daquela ribeira do Capitão², ou desta vez, ou da segunda, fizeram a primeira casa que na ilha se fez, e depois, pelo tempo adiante fizeram outras pela ribeira acima, e esta foi a primeira povoação da ilha, e por isso escolheu depois ali o Capitão suas terras, que são as melhores da ilha, e dão mais e melhor fruto e trigo, quase como o de Alentejo, quando o ano é temperado e bom” (as cited in Constância, 1982, p.230)



Figura 6 - Área dos Anjos atualmente, com a Praia de Lobos ao fundo área de baixios (Wildviewers, 2022)

¹ Clareiras – lugar onde não há vegetação.

² Ribeira do Capitão – designada atualmente como ribeira de Santana.

Revelando isto, que a princípio, os primeiros povoadores começaram ao longo da Praia de Lobos (Figura 6), na zona de Santana, mas devido a ser um lugar propício a inundar, procuraram um sítio que se adaptasse às chuvas, e este foi Vila do Porto. Surgiu novos povoadamentos, que foram nos Anjos e Praia com Ermidas. Em que Vila do Porto, foi a primogénita vila do Açores, sendo fundada antes de 1470. Embora se diga que os colonizadores vieram de famílias do Alentejo e Algarve não existe o que comprove. (Constância, 1982, p.230 e 232; Figueiredo, 1990, p.57)

Em que João Constância (1982), este reflete sobre o habitar destes primeiros povoadores dizendo:

“As primeiras casas devem ter sido feitas à base de ramagens e de colmo, havendo também, em certos locais da beira-mar, quem habitasse em grutas naturais. Poucos anos depois após o início do povoamento, surgem habitações feitas de pedra (basalto) ao qual, bem cedo, se juntaria a argamassa feita com o barro extraído localmente.” (p.230)

Conforme Frutuoso (1998), em sua obra, os povoadores abrigavam-se em “casas” feitas dos materiais disponíveis. Inicialmente eram “cafus de ramos e de colmo”, conforme iam desbravando e queimando a vegetação densa, até ficaram temporariamente em grutas perto do mar. À medida que a povoação se ia estruturando, foi aparecendo as primeiras “casas” de pedra tosca, cobertas de colmo e com chão batido, foram aparecendo materiais de diferente durabilidade, como a pedra, cal, coberturas de telha de barro.

Houve uma tentativa de fazer, entre os Anjos e Santana, “um centro principal” como vila, mas não se enquadrava às características necessárias para se tornar uma vila. Fundou-se São Lourenço, a “povoação velha”, e foi em Vila do Porto que se conseguiu a implantação definitiva de vila. A ilha, por ser a primeira a ser descoberta e povoada, serviu de “exemplo” para as outras ilhas, nas quais o povoamento começou pela zona sul. (Caldas, 2007, p. 34 e 35)

Vila do Porto é uma lomba entre duas ribeiras, que é destacada pelos fatores de “baía abrigada, bom porto, situação suscetível de defesa e ribeiras com capacidade de moer cereais”. É constituída por três ruas que são bastante compridas, que se dirigem em direção do porto (Figura 7), ao Calhau da Roupa, e à Ermida da Nossa Senhora da Conceição. (Caldas, 2007, p. 36 e 37)



Figura 7 - Vista sobre Almagreira, em que se consegue perceber a mancha urbana de Vila do Porto, na direção ao cais (Wildviewers, 2022)

Na zona do litoral, devastou-se muito vegetação para proceder ao cultivo de trigo, cevada, pastel³ e cana-de-açúcar (Figura 8), construindo proteção devido a ventos e cheias, surgindo assim os muros de pedra solta e “as sebes vegetais de protecção aos campos”. Por volta do século XV, exploravam urzela, a planta tintureira que dava a cor castanha, muito frequente na zona de Malbusca. O gado, designadamente os bovinos, eram criados principalmente na parte ocidental da ilha, estes são representados nos esboços abaixo. (Constância, 1982, p.233)

³ Pastel – utilizavam as folhas da planta do pastel para produzir a cor azul.

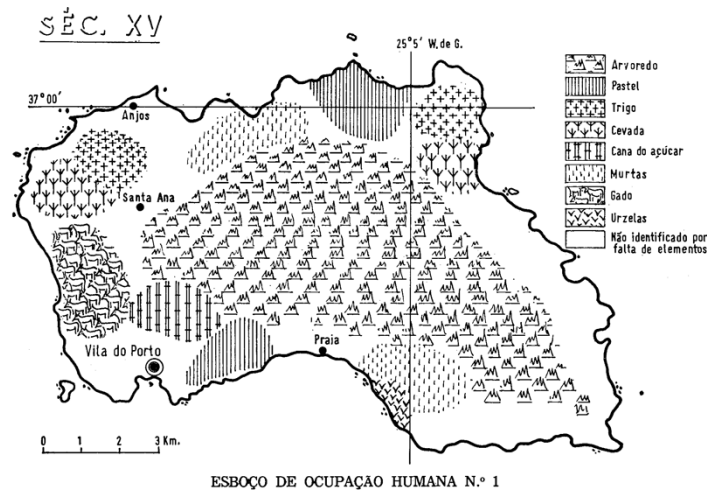


Figura 8 - Esquema da distribuição e ocupação humana no século XV (Constância, 1982)
 Os povoadores, por volta do séc. XVI procedem do litoral para o interior, aumentando a área agrícola, que para isso continuam a devastar área florestal. Implementaram a cultura da vinha “na costa oriental – S. Lourenço (Figura 9 e 10) e Ponta do Castalete; costas do Sul - Baixa do Sul, Rocha Alta, Larache e Praia”, seleccionadas por serem lugares à beira-mar e com bastante declive, que dispunham de bons lugares para fazer socalcos. A área da fruticultura e horticultura vai se desenvolvendo, aparecendo assim as primeiras quintas, com muros altos de proteção contra o mau tempo. O trigo atinge o seu apogeu, bons anos de produção, e uma grande área de cultivo, vindo a vir anos maus, entrando em declínio, pela falta de rotação de terrenos, e entre outros motivos, por volta da segunda metade do séc. XVI. (Constância, 1982, p.234)



Figura 9 - Baía de São Lourenço, 1878, (Travassos, s/d)



Figura 10 - Baía de São Lourenço atualmente, com uma grande diferença relativamente ao aumento de habitações (Wildviewers, 2022)

Por volta do século XVI, foram edificadas novas povoações como na Almagreira (Figura 11), São Pedro e Santo Espírito. Em que, neste segundo século de povoamento, a ilha fez exploração de calcário (Figura 12) no Figueiral, junto ao Pico do Facho. Contudo, a madeira da ilha era utilizada para a construção de embarcações, sobretudo para pesca, e isso era feito num estaleiro em Vila do Porto. O barro é outra vertente explorada na ilha e exportada “em larga escala”. (Constância, 1982, p.236 e 237)



Figura 11 - Carreira, freguesia de Almagreira, 1978 (Valeriano Sousa, 2012)

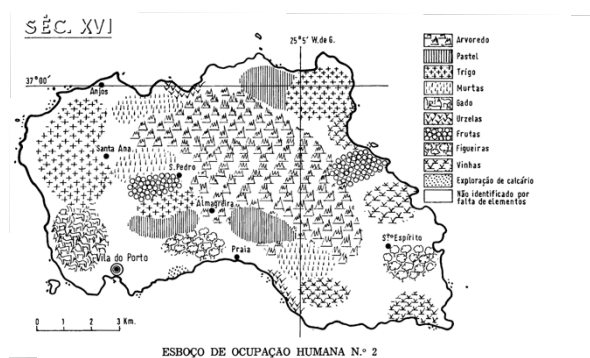


Figura 12 - Distribuição agrícola da ilha do séc. XVI (Constância, 1982)

Houve uma grande tendência emigratória nos Açores, a que tudo indica para o Brasil, incluindo a ilha de Santa Maria. Muitos casais emigraram por volta de 1649 e até mesmo antes. A ilha foi bastante marcada pelos ataques de corsários, muito recorrentes no séc. XVII, marcados por roubos e pelo sequestro de população local para troca no exterior. (Constância, 1982, p.237 e 239)

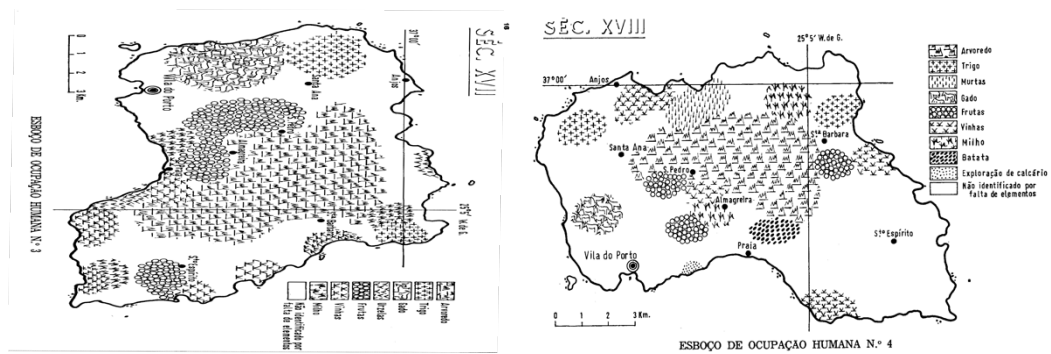


Figura 13 - Distribuição agrícola da ilha do séc. XVII e XVIII (Constância, 1982)

No séc. XVIII, a ilha passou por várias secas, o que levou à necessidade de trazer água de São Miguel, e esta escassez foi sentida devido à pouca chuva, possivelmente influenciada pelo desbaste excessivo da arborização e vegetação na ilha. A exploração de calcário (Figura 13) continuou forte, principalmente na zona do Figueiral. (Constância, 1982, p.240)

É muito possível que as ocupações do interior da ilha tenham ocorrido desde o séc. XVI, na região de “serra”. Por volta de “Oitocentos, ter-se-á dado um nítido aumento das freguesias interiores” (Figura 14), o que sucedeu ao povoamento mais disperso na ilha. Este povoamento no interior e disperso é visível atualmente nas freguesias principalmente de Santo Espírito e Santa Bárbara, o que diferencia Santa Maria das restantes ilhas. (Figueiredo, 1990, p.?)



Figura 14 - Arrentão, Santa Bárbara, s/d (Varilano Costa, 2013)

Existiu, nesta altura, século XIX, um grande aumento e progresso no setor agropecuário da ilha (figura 15), no qual se iniciaram os tratamentos dos pastos com fertilizantes e adubos, marcados também pela introdução de novas raças na ilha. A horticultura e fruticultura tiveram um forte desenvolvimento, chegando a ser exportadas em menor escala, a laranja. Plantaram-se matas com novas espécies e continuou-se a exportar barro, que, além de fornecer para as olarias da Vila, passou a ser fabricada para a exportação. Seguindo, no século XIX, quando se “dá uma autêntica pulverização do povoamento”, e que naquela altura “a ilha conta já com uma vila, 3

Açores, se encontra primeiro, e esta na sua maior extensão mede cerca de 17 quilómetros, com uma distância de 780 milhas de Lisboa e 2.285 de Nova Iorque. (Figueiredo, 1990, p.23 e 24)

A ilha é de origem vulcânica e, por ser mais antiga do que as restantes, apresenta uma estrutura diferenciada. Esta distingue-se por duas zonas, a ocidental e a oriental, que são diferentes a nível geológico e topográfico. Na parte ocidental, observa-se uma área mais plana de pastagens e com menos árvores, tal como a zona das Areias, Fanecas, Golfeiras, Saramagos (Figura 17), Tremoçais e Monteiros. Na parte oriental, é uma região mais acidentada, composta por “arvoredos” e terrenos com “combros” cultivados, como na zona das Feteiras, Azenhas, Panasco, Setada, Rebentão e Pocilgas. (Figueiredo, 1990, p.27)



Figura 17 - Zona do Saramago e Faneca, em São Pedro, 2023

A parte ocidental da ilha, em geral, é uma área mais baixa e plana, na qual a zona do Aeroporto se apresenta com 100 metros, a zona de São Pedro com 210 metros, as Fontinhas já contam com 430 metros, e a serra de Santa Bárbara com o seu ponto mais alto no Pico Alto. (Raposo & Reis, 1990, p.2)

Devido à diferenciação morfológica, existe um “contraste climático” relativamente às duas partes, a “plataforma” e os “Picos/Serra”, tal como a população da ilha designa a zona leste, onde é mais propício a nevoeiro durante o ano, com uma “maior queda pluviométrica média anual” e uma percentagem mais alta de humidade. (Constância, 1982, p.225)

Ao centro da ilha, apresenta-se o “maior cume” da ilha, o Pico Alto, a montanha que conta com 590 metros, sendo a maior altitude na ilha, oferecendo uma vista panorâmica da ilha inteira e

sendo a “única serra”. Seguindo do Pico do Penedo com 492 metros, e o Pico do Cavaleiro com 395 metros. Na zona Sul tem o Pico do Facho (Figura 18) com 253 metros, o de Malbusca com 350 metros, e o da Vigia com 372 metros. Na extensão Norte é visível o Monte das Flores a 206 metros, o Monte Delgado a 252 metros, e o Pico do Norte que conta com 298 metros. (Figueiredo, 1990, p.26)



Figura 18 - Vista dos Canaviais para o Pico do Facho, 2023

Uma ilha bem constituída de basaltos, em que estes se destinavam a bom material de alvenaria. O basalto lamelar nas calçadas, o vesicular que se utilizava nas pedras dos moinhos, e o tufoso para revestir os fornos de pão, servindo também para filtrar as impurezas da água. (Figueiredo, 1990, p.25)

As ribeiras são de pouco volume de água, e no verão muitas quase secam, possuindo um caudal forte durante as chuvas de inverno, em que Jaime Figueiredo cita um excerto sobre as ribeiras da ilha:

“a Grande e a do Sancho banham as abas da lombaa, em que assenta em Vila do Porto; a do Capitão atravessa Santana e vai desaguar na Praia de Lobos; a do Aveiro despenha-se, sob a

forma de cascata, a dois passos da Maia, a do Salto lança as suas águas por detrás do Ponta Negra, e a de Santa Bárbara corre ao pé da igreja paroquial e desemboca nas Lagoinhas.” (p.28)

A ilha é rodeada com ilhéus, como o da Ribeira Seca, o ilhéu das Lagoinhas (Figura 19) em frente ao Tagarete, o ilhéu do Romeiro, que compõe a paisagem da baía de São Lourenço, e a 20 milhas de distância o ilhéu das Formigas com muitos baixios, este que por sua vez, já causou muitos naufrágios, levando à construção de um farol que “ilumina o canal” entre Santa Maria e São Miguel. (Figueiredo, 1990, p.28)

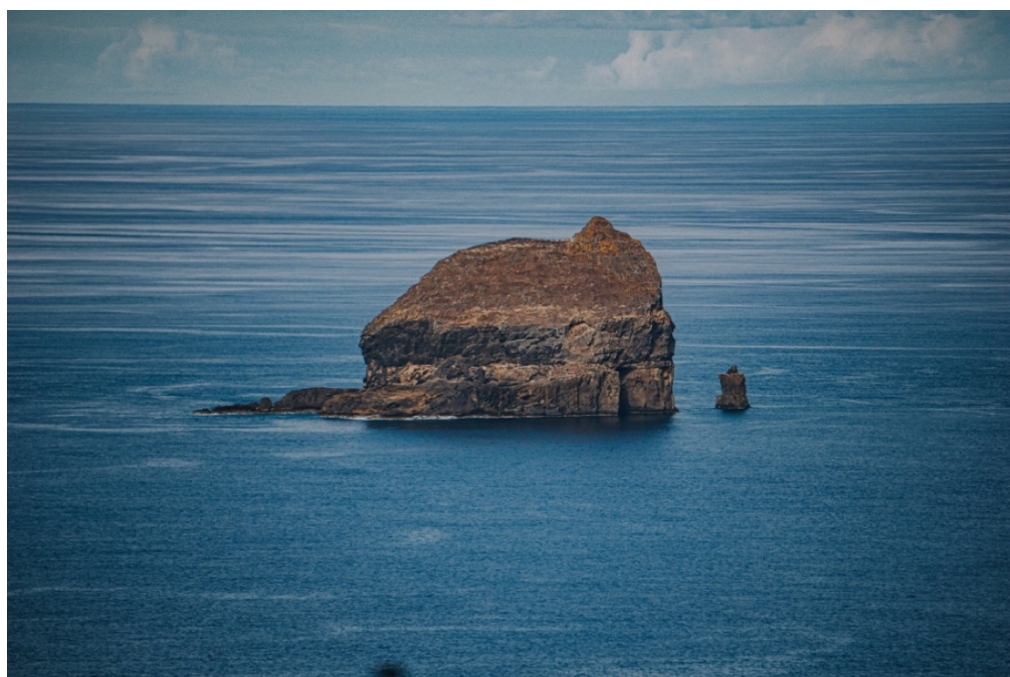


Figura 19 - Ilhéu das Lagoinhas (Wildviewers, 2022)

A grande plataforma erosionada (lado oeste da ilha) contém povoados definidos e os mais vastos terrenos agrícolas onde se plantava campos de trigo, cevada e outros, e cria-se gado. Uma área em que existe pouca arborização, é seca, lembrando as terras do Alentejo. (Caldas, 2007, p. 40)

Os anjos, localizado à beira-mar, com algumas moradias e quartéis, a Furna de Santana, a maior da ilha, em seguimento, a Praia de Lobos, um lugar de muitas baixas, onde afirmam que chegou a caravela de Frei Gonçalo Velho. (Figueiredo, 1990, p.39)

Na parte nordeste localizam-se lugares como o Paúl e Trevina, com menos habitações, em que de São Pedro à Almagreira vão se encontrando quintas e casas com algum poder e importância, e que muitas atualmente estão em ruínas. (Caldas, 2007, p. 40)

Seguindo de Valverde (Figura 20), uma encosta tranquila e verde, com babosas e tuneiras, em que ao fundo as casas que seguem a margem da ribeira, perto as nascentes do Padre de Inácio e da Maria Feia. A Flor da Rosa com um aroma de poejo e macela, lugar onde se retira argila, transformando-a em bolas para mandar para a ilha vizinha. (Figueiredo, 1990, p.39)

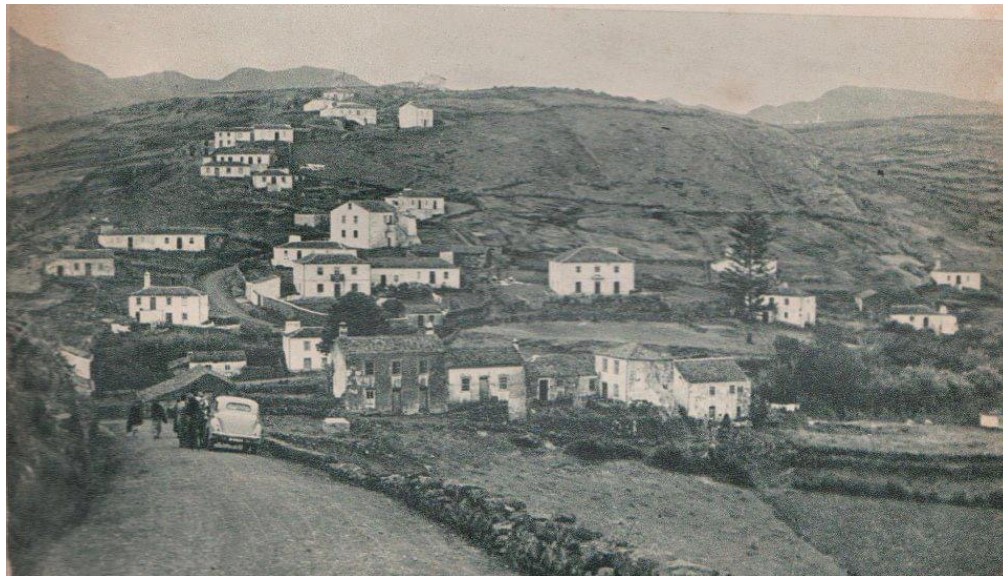


Figura 20 - Valverde, com os caminhos em terra (Figueiredo, s/d)



Figura 21 – Valverde, com o Pico Alto ao fundo, 2023

Valverde (Figura 21) e Almagreira possuem como imagem de fundo a montanha do Pico Alto, em que no século XV se experimentou a cana-do-açúcar, árvores de fruto como figueiras entre outras. A plantação de milho, frutas e hortícolas e o aproveitamento de “barreiras de argila” para Vila do Porto, são das atividades praticadas que fazem parte do período oitocentista. A Almagreira a terra do almagre, com quintas como a do Mourato e do Falcão. Entre o Figueiral e

Malbusca, pertencendo à mesma freguesia, a Praia Formosa (Figura 22), lugar onde existem habitações dispersas perto do mar (Figura 23), ali onde se vivia do trabalho de campo, da terra onde se criava gado e produzia alimento, aproveitando em alguns locais a água da ribeira para os moinhos. (Caldas, 2007, p. 41; Figueiredo, 1990, p.39 e 40)



Figura 22 - Habitações na Praia Formosa, Almagreira, 1960 (Tostões, 2017)

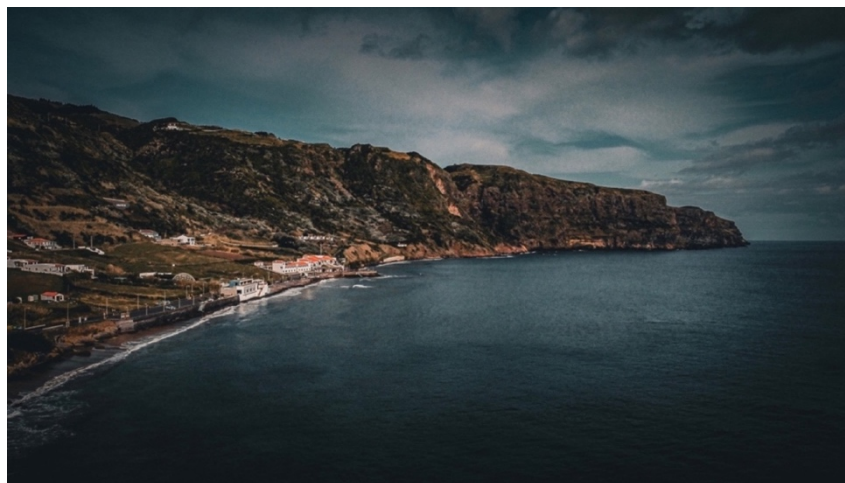


Figura 23 - Praia Formosa, Almagreira (Melo, 2022)

A parte central da ilha, a área mais montanhosa e com a maior área arbórea da ilha, “tem vestígios de espécies primitivas, mas foi intensamente repovoada com a criptomeria nipónica”, em que nas suas vertentes são visíveis pastagens delimitadas por muros de pedra. As Feteiras (Figura 24), lugar a noroeste de “fetos e mais fetos”, com uma constituição de montes e vales. Em que nas Feteiras de Baixo o solo varia entre cereais e pasto, e é uma área mais suave, dando

continuidade às Feteiras de Cima e seguindo das Lagoinhas, que contrariamente, é uma zona de muitos socacos, sítio onde as casas estão “viradas” para o interior da ilha, dando costas para o mar. (Caldas, 2007, p. 42 e 43; Figueiredo, 1990, p.39 e 40)



Figura 24 - Feteiras de São Pedro, (Cunha, 2013)

A freguesia de Santa Bárbara (Figura 25) é “um vale risonho, abeberado por ribeira tranquila”, uma freguesia que se torna um verdadeiro presépio com uma paisagem deslumbrante e verde. Na zona Norte da ilha (Figura 26 e 27), que “topónimo frequente nas ilhas, está normalmente é associado à região mais longínqua e isolada”, pastos com os muros de pedra delimitando e uma capela, um lugar com frequência de nevoeiros. (Caldas, 2007, p. 42 e 43; Figueiredo, 1990, p.39 e 40)



Figura 25 - Santa Bárbara, s/d (Moreira, 2013)



Figura 26 - Ponta da Salina, atrás fica a baía de Cura (Melo, 2022)



Figura 27 - Norte, Santa Bárbara (Melo, 2022)

Abaixo, a baía de São Lourenço, virada a nascente, é um vestígio geológico de caldeira em que se tentou estabelecer uma vila no início da ocupação, mas foi sem sucesso. Neste local, também se destaca o Ilhéu do Romeiro, e no seu todo é um dos lugares mais deslumbrantes da ilha, “onde o tempo pode estar limpo, mesmo quando a humidade e a chuva carregam as terras altas”. Um local onde a cultura do plantio de vinha é muito forte, e os seus locais disso vivem. É constituída por socalcos, essencias devido à inclinação da encosta, e os quartéis⁴ de vinha (Figura 28), cada um delimitado por muros ou divisões em pedra de alvenaria que “protegem e aquecem” a vinha, o acesso em escadas de pedra, pela a encosta acima com degraus altos que são um verdadeiro desafio, estas que garantem o acesso a todos os quartéis. É atualmente um local, que durante os meses de verão se enche de emigrantes que de férias “à casa retornam”, e nos meses seguintes torna-se uma baía mais vazia, “tudo parece suspenso no tempo”. (Caldas, 2007, p. 44; Figueiredo, 1990, p.43)

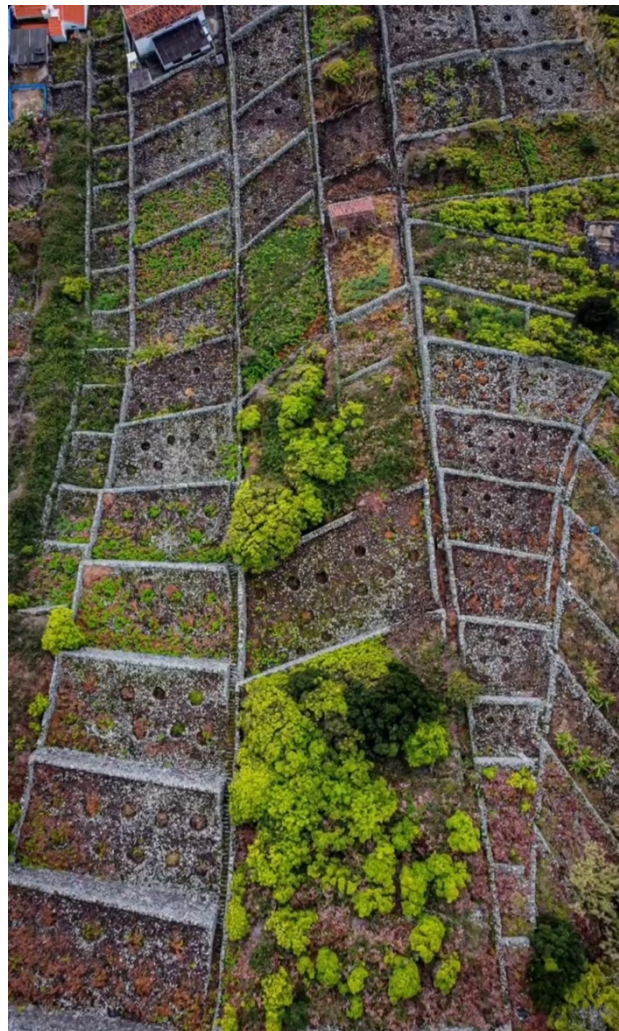


Figura 28 – Quartéis de vinha na baía de São Lourenço (Wildviewers, 2022)

⁴ Quartéis-

A freguesia de Santo Espírito, é a maior freguesia, que à semelhança de Santa Bárbara também tem as casas dispersas, das águas mais fresca e limpas da ilha, em Santo António e por entre as Azenhas. A Maia (Figura 29) pertence à freguesia de Santo Espírito e situa-se na ponta sudeste, tal como São Lourenço, faz uso da topografia para os quartéis de vinha, estes que produzem do melhor vinho de cheiro local, com a cascata de Aveiro (Figura 30) e o farol da Maia (Figura 31). E esta que no verão, também se enche de emigrantes. (Caldas, 2007, p. 44; Figueiredo, 1990, p.40)



Figura 29 - Aveiro, Maia (Melo, 2022)

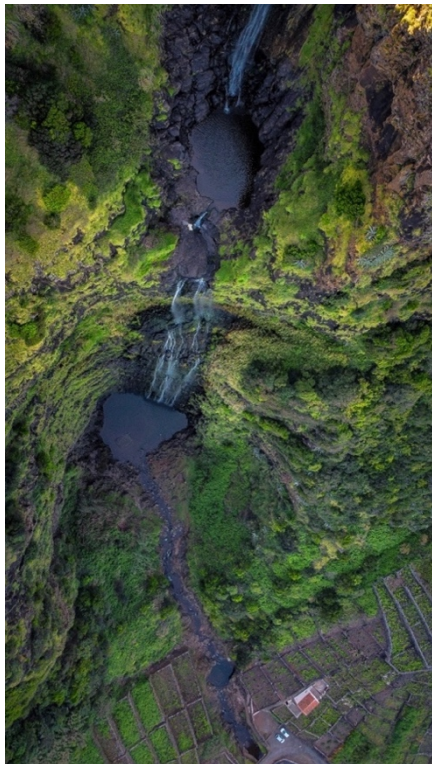


Figura 30 - Cascata do Aveiro, Maia (Melo, 2022)

Figura 31 - Costa sul, e o farol da Maia ao fundo (Wildviewers, 2022)

Capítulo 3 | A casa mariense – identidade arquitetónica da ilha

A arquitetura nos Açores, na sua génese, resulta de uma arquitetura importada, pelos povos colonizadores do arquipélago. Santa Maria teve um maior desafio, por ter sido a primeira ilha a ser habitada, foi como um “experimento” para as restantes. Sendo assim, os povos que colonizaram a ilha trouxeram e adaptaram a arquitetura através dos condicionalismos existentes, adaptando e recriando a sua identidade e modo de vida.

O objetivo deste capítulo é evidenciar as principais características da arquitetura doméstica rural mariense a nível morfológico, identificando os aspetos construtivos, volumétricos e formais das casas. Irá desdobrar-se também sobre o estudo a nível tipológico, caracterizando as várias organizações espaciais e funcionais que existem nas casas rurais marienses, o objeto em estudo, para posteriormente fazer comparações a partir das exemplificações.

3.1 As casas rurais e a influência da envolvente - Da terra ao mar

A ilha de Santa Maria possui uma grande vertente rural, em que as casas típicas rurais marienses se destacam, com a arquitetura de apoio à produção, que normalmente, são para a complementação delas. Esta arquitetura de apoio consiste, por norma, aos palheiros, currais, pocilgas e a retrete. A casa mariense pode distinguir-se, desde logo, pela sua distribuição no território, a implantação, pelo seu volume do forno, e chaminé, e pela proporção volumétrica da habitação. As casas são viradas, recorrentemente para a mesma direção, havendo exceções, quando os terrenos são repartidos ou as casas são ampliadas. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 36)

No livro de Caldas refere uma citação de texto que retrata a memória da ilha:

“(...) Aqui se vive e aqui se morre. Devo dizer que desta ilha silvestre duas coisas ficarão para sempre na minha memória: o púcaro de barro poroso que torna a água fresquíssima, e o cheiro a giesta que a embalsama. Fiquei-a conhecendo para o resto da minha vida pela ilha que cheira bem...” (Raul Brandão, 1926)

Pelas terras vastas (Figura 32), no lado oeste da ilha que se criava gado, campos de milho e cevada, em que no seu todo estas dão ares de terras alentejanas, com um ar mais seco e acastanhado, existindo pouca arborização. Já a nordeste, na passagem para a montanha, terras

onde possuem poucas casas, no Paúl e na Trevina. Já a sudeste, na proximidade de Vila do Porto, é onde se localiza muitas das quintas e casas de grande importância, que vão sendo afetadas pelo abandono e pela ruína, no caminho de Valverde à Almagreira, onde até se experimentou a cultura da cana-de-açúcar por volta do século XV. No caminho até à praia, havia pequenas construções junto ao mar, mas distanciadas. Era típico da população viver do campo, com pouca relação direta com o mar, aproveitando as águas que corriam das ribeiras entre vales com os moinhos onde ela mais corria. (Caldas, 2007, p. 40 e 41)

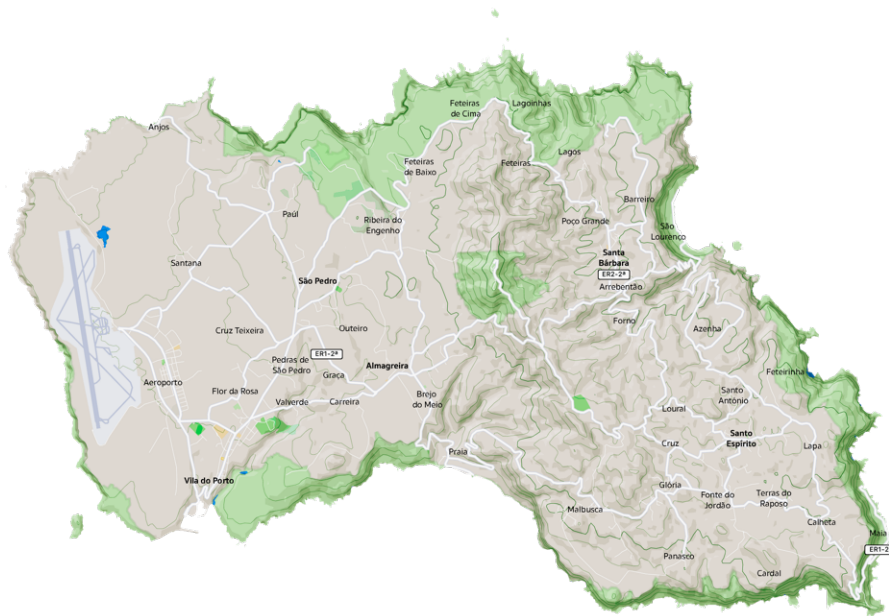


Figura 32 - Mapa das “terras” da ilha de Santa Maria, Açores

Nas montanhas que se encontram na zona central relativamente às freguesias, aquelas a que pertence a maior área florestal da ilha, com vestígios de espécies primitivas e sendo ocupada pelas suas criptomérias nipónicas. Pelas suas vertentes prolonga-se as pastagens verdes, com muros de pedra nas suas delimitações. Pelo Noroeste, Feteiras de Baixo, Lagoinhas, Feteiras de Cima, lugar onde as casas estão direcionadas para o interior da ilha, assim dando costas para o derradeiro mar. Onde os montes se encontram em socalcos, seguindo para o Norte, lugar onde o vento é considerável nos terrenos nus, em que o nevoeiro segue abundante em muitos dias, com uma vista mar deslumbrante, em que lá se parece num mundo à parte. (Caldas, 2007, p. 42 e 43)

Por São Lourenço, a baía que fica a nascente da ilha, lugar onde a vinha abunda a encosta, sobre socalcos, estes onde os tais quartéis de vinha limitados com muros de pedra e entre elas os degraus inúmeros que oferecem acesso às mesmas pela encosta acima. A sudeste da ilha, a Maia, baía que tal como São Lourenço, que enche a vista com as suas vinhas. (Caldas, 2007, p. 44)

Entre todas estas terras pela ilha implantam-se as casas, que vão se adaptando ao terreno (Figura 33), de forma a que haja um maior proveito, a nível do terreno e da habitação surgindo

assim novas tipologias apartir do modelo típico, como a “casa balcão”⁵ modelo que se adapta a terrenos com maior declive.



Figura 33 - Adaptação das casas ao terreno

3.1.2 O habitar mariense – identidade e vivências

Na ilha, a habitação e as edificações referentes ao trabalho rural, em termos de aspetos formais e construtivos, são derivados totalmente da identidade do povo e do lugar em que estão inseridos, assim como a homogeneidade tipológica e formal presente nas casas. Surge muito possivelmente do início do povoamento, em que os colonizadores podem ter vindo da mesma região de Portugal Continental, e isto reflete-se na referência para a construção mariense, em termos identitários, culturais e construtivos. Pois este pequeno território, em termos arquitetónicos, não teve várias “reciclagens” e influências múltiplas como em outras ilhas. (Caldas, 2007, p. 49)

Em Santa Maria, o modelo habitacional distingue-se pelas edificações urbanas e rurais, entre estas, das abastadas às solarengas. Desta forma, a que mais representa a habitação tradicional na ilha é a casa rural. Este modelo de “casa rústica”, é individualizado pela sua quantidade e uniformidade em todo o território. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria - Vila do Porto, 2005, p. 35)

Este modelo de casa rural vai sofrendo poucas alterações ao longo das épocas, em comparação com as outras ilhas. Uma das causas possíveis é pelo facto de que, gradualmente se iniciou a ocupação das restantes ilhas do arquipélago, e a terra mariense, provavelmente manteve as suas gentes, “fixando e enraizando os modelos construtivos”. Outra das causas, é que esta foi a ilha menos atingida pelas catástrofes naturais, que afetaram as restantes ilhas, tal como a atividade

⁵ “casa balcão” – uma das tipologias das casas marienses, com dois pisos de aproveitamento ao declive do terreno.

vulcânica e sísmica, o que conseqüentemente levou a um maior estado de conservação e preservação em comparação às ilhas do arquipélago afetadas. (Caldas, 2007, p. 49)

As habitações rurais, além de serem as mais abundantes no território, são as que apresentam melhor estado de conservação, já as urbanas muitas estão em maior estado de degradação e destruição. Estas foram construídas pela classe mais favorável da sociedade e são diferenciadas pela sua dimensão na época que foram construídas, e nas alterações que sofreram ao longo do tempo. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 35)

Estas “casas rústicas” são uma memória do tempo que retratam uma vivência da sociedade em tempos. Uma identidade característica de quem as habita, em que por anos era onde se associava ao papel da mulher, esta que passava a maior parte do seu tempo trabalhando arduamente, desde as terras a amassar pão, o bem tão essencial daquela altura, em que quase todas as casas sobreviviam do que as terras lhes davam, cujos “balcões”⁶ (Figura 34) das casas se enchiam de milho, feijão e tudo mais, para que toda a família ajudasse (Figura 35) no proveito de tudo o que a terra lhes dava, pois muitas das vezes era a única fonte de rendimento.



Figura 34 - Balcão de uma casa típica, s/d (Rego, 2013)

Figura 35 - Família a trabalhar nas terras, s/d (Sousa, 2013)

⁶ Balcão/balcões – é a parte exterior da frente das casas típicas, adossado à fachada, o patamar da frente, delimitado por um muro baixo, com escada ou sem escada.

3.2 As casas rurais marienses

A casa é um dos temas fundamentais para a constituição do património cultural construído, pois os modelos de habitação apresentam-se em uma quantidade considerável e resultam de vários modelos tipológicos, o que permite retirar mais informação para a compreensão do espaço doméstico, e como a sociedade faz a junção do seu quotidiano com a utilização da casa. (Fernandes, 1996, p. 215)

A arquitetura vernácula ou regional faz uma ligação com as exigências humanas e o espaço, ou seja, no lugar onde se “produz”. No estudo do habitat, deriva também a arquitetura de produção, desde o gado, à forte ligação à terra e aos espaços de armazenamento. (Fernandes, 1996, p. 226)

A casa mariense é um ambiente que envolve vivências (Figura 36), gerações, rotinas e possui uma identidade própria, refletindo um modo de vida, que ao longo dos anos se adapta na busca das necessidades de quem a habita. A arquitetura na ilha foi crescendo e se alterando progressivamente, de acordo com população e a partir “lugar” a onde era implantada, surgindo assim novos modelos arquitetónicos.



Figura 36 - Casa típica, rodeada de família e vivências na Fonte do Jordão, Santo Espírito nos anos 50 (Chaves, 2013)

As casas rurais podem-se destacar em três grupos: o das casas mais antigas, que são modelos próximos dos continentais (casas alentejanas e de estremenhos), as do modelo síntese que abrangem as casas rurais mais comuns e características de ilha (Figura 37), “com as suas variantes”, encontrando-se por toda a ilha e as casas mais modernas, estas com alterações ou ampliações mais recentes, “sobretudo na metade leste da ilha”, e que se foram afinando. As do segundo grupo, são o modelo de casas síntese que caracterizam a ilha de Santa Maria, estas encontram-se por todo o território mariense. (Caldas, 2007, p.53)

Apesar das diferenças, existem muitas aproximações da casa urbana à rural que são fundamentais realçar: o processo construtivo geral, as suas coberturas e os imprescindíveis sistemas de forno utilizados em todas as casas marienses. O modelo típico é uma adaptação da casa que foi integrada à insularidade da ilha, através da cultura das “gentes” que por ela inicialmente habitaram, resultando de uma arquitetura transportada e completamente adaptada à vida na ilha, através da cultura e tradição da sua comunidade colonizadora. (Fernandes, 1996, p. 237)



Figura 37 - Casa rural mariense, Santo Espírito, 2023

A casa típica mariense apresenta particularidades exclusivas apenas de Santa Maria, as quais se pretende demonstrar neste capítulo, que vão desde a implantação, às combinações tipológicas, em que muitas das vezes “o lugar” define a tipologia. Com o objetivo de se explorar ao máximo o caráter de casa típica, relatando origens, definições, características principais e funções. Assim, surge um pouco por toda a ilha esta tão simbólica arquitetura mariense denominada de lar por toda a sua configuração, que abrange uma edificação de programa rural modesto, com permeabilidade a alterações tipológicas, semelhantes técnicas construtivas entre os modelos habitacionais. (Fernandes, 1996, p. 230)

3.2.1 Morfologia - Modelo síntese

A casa mariense (Figura 38) é um modelo que surgiu com o tempo e que foi desenvolvido seguindo como base as casas ditas como saloias, estas casas típicas foram aprimoradas e adaptadas, pois demonstram muita semelhança entre si, seja através da cobertura, dos materiais, ou a sua individualização no terreno. A casa mariense diferencia-se pelo seu tamanho bastante reduzido, fator que é influenciado muito provavelmente pelo facto de algumas funções habitacionais e não habitacionais não estarem agregadas à casa (palheiros/espacos de armazenamento, retrete) e pela propriedade e domínio financeiro de cada família ser mais modesto. (Caldas, 2007, p.64)



Figura 38 - A individualidade da casa típica, e o seu destaque perante o território mariense, Santo Espírito, 2023

A implantação das casas, dispersa pelo terreno é o que a destaca de todo o arquipélago, deve-se ao facto de que, por norma, as restantes casas encontram-se perto dos caminhos ou estradas, e esta encontra-se mais distante, aproveitando por vezes a topografia para se adaptar e tem quase sempre agregada no terreno algumas dependências de apoio, como os currais para o gado, os palheiros para arrumos, as pocilgas⁷ e a retrete⁸. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 36)

Este modelo de casa tipo possui um único corpo de planta retangular (Figura 39) e normalmente tem um único piso, quando implantado em um terreno plano. Construída em alvenaria de pedra, a sua fachada principal é conhecida pela métrica utilizada, constituída por janela-porta-janela, assim a porta fica centralizada na fachada entre duas janelas de guilhotina. No seu interior, a porta principal dá para um corredor em que de um lado está um quarto e do outro a cozinha, ou por vezes sem o corredor, dando diretamente para a cozinha/sala, em que de um lado tem uma porta que dá diretamente para o quarto. E quando a casa é mais pequena não tem quarto. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 36)

⁷ Pocilgas – cerca de porcos

⁸ Retrete – Era um anexo pequeno, quase como uma caixa, que servia de casa de banho antigamente

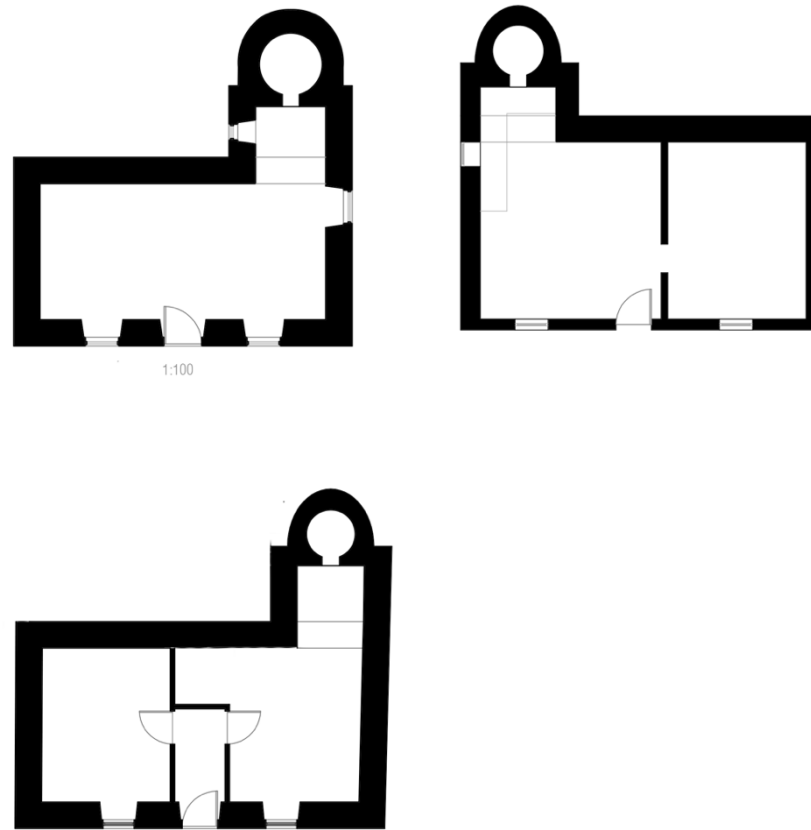


Figura 39 - Plantas de modelos de casa típica, 2023

As casas de um piso, do modelo síntese, possuem um balcão mais estreito em toda a extensão da fachada principal. O telhado de quatro águas (Figura 40) está assente sobre uma estrutura de madeira, que por si só assenta nas paredes de alvenaria. E, para completar a casa, o elemento-chave de toda a habitação típica é o forno/chaminé, que é quase como um elemento sistematizado, não só na casa rural, mas também em todas as habitações da ilha, das rurais às urbanas. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 35 e 36)



Figura 40 - Casa típica mariense

Do livro de Jaime Figueiredo sobre a ilha de Santa Maria, cita um pedaço de texto de um provérbio popular na ilha: “*casa quanto mores, e terra quanto a vejas*” ... (Figueiredo, 1990, p.87)

Este provérbio refere a casa típica como uma casa pequena, simples e térrea, que no seu exterior era caiada⁹, branca, que ao fim do dia se avistava o fumo a sair da alta chaminé, e as casas sempre distantes umas das outras (Figura 41), entre a paisagem verde. Na simetria entre janela-porta-janela, a sua cobertura de quatro águas e um balcão cheio de vasos de flores. Pela traseira da casa, o forno e os talhões de barro, que guardavam os nabos e as restantes verduras, e os canteiros com a hortelã, que não podiam faltar. Perto da ribeira ou em lugar de água, os inhames eram avistados pelas suas grandes folhas. Na terra os “estaleiros”¹⁰ de milho enfeitavam a paisagem com a sua mancha amarela, sinal de fartura e riqueza do “lavrador”. A casa, no seu interior, dividida pelas paredes de madeira, o quarto com a cama e a colcha de retalhos regionais, e a comoda com o oratório, onde se observam os santos de devoção e a pomba de império. O outro quarto por vezes servia de granel¹¹ com maçarocas e talhões com trigo. (Figueiredo, 1990, p.87 e 88)

As casas possuem as paredes exteriores bastante espessas, que são estruturais, com as fachadas caiadas, com molduras salientes nos vãos, o soco a fazer o contorno da casa e os cunhais também pintados de acordo com a cor da freguesia, em que cada uma possui a sua cor identitária de cada freguesia. A cobertura de quatro águas com telha tradicional, e a armação em tesoura, as típicas janelas de guilhotina, e a porta principal de madeira, com um envidraçado para iluminar o corredor interior. (Caldas, 2007, p.52)



Figura 41 - Paisagem com casas típicas ao fundo e dispersas nos terrenos, Santo Espírito, 2023

⁹ Caiada – pintada ou revestida com cal, ficando branca.

¹⁰ Estaleiros de milho – construção destinada ao sequeiro e armazenamento das espigas de milho, piramidal ou prismática, em armação de madeira.

¹¹ Granel – depósito onde se arruma alguns produtos agrícolas.

Os anexos, denominados por palheiros (Figura 42), destinados à arquitetura de produção e armazém, têm planta retangular, com paredes de pedra aparente e uma espessura considerável. Em alguns casos, estes eram rebocados e caiados, e com uma simples estrutura de madeira (cobertura de duas águas) revestida com telha vã, o seu piso é muitas das vezes em terra batida. O curral ao lado do palheiro é onde se abrigavam os animais, havendo uma cerca alta de pedra, em alguns casos possui também a continuidade de uma das águas que é o calejão¹² em que se arrumava o material agrícola, carro de bois, as alfaias. (Caldas, 2007, p.77)



Figura 42 - Palheiro integrado com curral (interior com pormenores em cantaria), 2023

O barro, elemento considerado abundante na ilha de Santa Maria e uma das melhores argilas, este elemento que por tempos, era muito utilizado para fazer as telhas canudo tradicionais na ilha, bem como louças. Eram exportadas bolas de barro em troca de bens essenciais. (Figueiredo, 1990, p.33)

A cozinha é o elemento principal da casa mariense, onde, o calor do forno é sinal de família reunida, em plenas noites de inverno, frias e longas, em que se ouviam as mais variadas histórias dos piratas. No tempo da eira¹³ todos ajudavam na debulha, uns a troco de sementes, e, como resultado, havia o dia de separar, peneirar, cozer, os “dias de brindeiros”¹⁴ e das matanças. (Figueiredo, 1990, p.88 e 89)

A cozinha é caiada, ampla e clara, onde saem os fumos de forma simples pela sua chaminé que é larga. A luminosidade é garantida por uma janela pequena ao lado do forno (figura 43). A cozinha nas casas típicas está sempre no piso onde está os quartos, seja este piso térreo ou não, dando espaço a que se possa aproveitar os desníveis, de forma que esteja na zona mais alta do terreno. (Caldas, 2007, p.64 e 65; Fernandes, 1996, p. 325)

¹² Calejão – área coberta

¹³ Eira era terra

¹⁴ Brindeiros é o pão tradicional oferecido em dias especiais como Natal e Páscoa



Figura 43 - Janela pequena do forno, Santa Bárbara, Buildingazores, 2019

O sistema de forno doméstico é um utilizado maioritariamente em todas as casas marienses, tanto nas rurais como nas urbanas, desde as mais pobres às mais ricas. Este que é o elemento-chave de cada habitação, a cozinha era o coração da casa, onde se fazia a confeção de alimentos, o “aquecimento” da casa e por onde saia os fumos. (Fernandes, 1996, p. 238)

O forno é um elemento privativo, em que cada casa mariense possui o seu (figura 44), existindo assim uma certa autonomia no sustento de cada habitação, na cozedura do pão, em que cada família tinha o seu dia de cozedura. Este torna-se a peça essencial e característica da casa, se diferenciando pelo sistema de “forno-lareira-chaminé” que só se encontra na ilha, estes elementos tem uma ligação entre si e são salientes do volume da casa, e com muita força devido à sua frequente reprodução em todas as casas, ou seja é um modelo bastante fixo. (Fernandes, 1996, p. 324 e 325)



Figura 44 - Interior da casa, área da cozinha, o arco e o forno (Buildingazores, 2020)

Este sistema de forno é constituído por uma caixa exterior, um volume que encosta à casa, criando uma configuração diferenciada, podendo este ser bastante visível na planta retangular. Quando se fala na casa mariense, associa-se logo ao volume do forno (figura 45), e a alta chaminé, podendo ser considerado em três partes: a caixa que fica encostada à cozinha, que no seu interior é o espaço de lareira (arco da cozinha feito em pedra de cantaria), a sua continuidade que é a parte superior formada pela chaminé, e, o volume do forno que fica na parte inferior da caixa, volume a tardoz mais redondo. No interior da caixa é onde se cozinha, sobre o poial¹⁵, por baixo da boca do forno que é a bancada de pedra, onde faziam o lume, na sua lateral possui uma janela bastante pequena que serve para iluminar toda a zona interior desta caixa. Pelo seu exterior é caiada, e com as vistas com a cor que estão as restantes molduras da casa e o forno é revestido com telhas. (Caldas, 2007, p.50 e 51)



Figura 45 - Sistema do forno da casa mariense, 2023

As chaminés sofreram uma evolução e podem se distinguir por dois modelos (Figura 46), as chaminés mais antigas e as chaminés de “vapor”, em que as chaminés antigas são constituídas por um corpo retangular grande, largo e maciço que parte para a semelhança da região do Alentejo e Sintra. Já as chaminés a vapor são altas e mais finas, sendo estas redondas, compostas por dois volumes, um corpo em pirâmide e um volume cilíndrico na parte superior, com aberturas no cimo para que haja ventilação, fazendo parte de um cânone mais recente que foi fixado posteriormente á chaminé antiga, este que só foi avistado com visivelmente menos de oitenta anos. Esta chaminé faz lembrar as do Algarve e do baixo Alentejo e o seu aparecimento pode estar associado com à emigração, pelo único meio existente que era o navio a “vapor” e a mesma aparece nas casas mais recentes, em substituição às chaminés antigas. (Caldas, 2007, p.51)

¹⁵ Poial – (ou pial) é uma bancada de pedra por norma de cantaria muito presente nas cozinhas marienses, onde se faz a preparação dos alimentos



Figura 46 - Exemplo da chaminé antiga, e a chaminé cilíndrica, 2023

O modelo simples de casa-tipo mariense é recorrente por toda a ilha e fácil de identificar, contudo, este foi sofrendo alterações ao longo dos anos, após ampliações ou mesmo em construções de raiz em que se aumentou a área. Estas novas ampliações ou construções resultaram de novas organizações em planta, como a casa dobrada, que resulta da duplicação em profundidade da planta gerando assim também dois telhados duplos. Destas ampliações surge a ampliação de um módulo fazendo com que a fachada perca a simetria, acrescentando-se um vão, para um quarto. O que leva a uma variedade de tipologias que fazem parte das casas rurais marienses, e que são também objeto de estudo da dissertação. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 35 e 36)

Quando a casa está implantada num terreno com declive, existe uma adaptação deste modelo síntese, em que é acrescentado à casa uma meia loja¹⁶, ou seja, um meio piso para aproveitamento desta inclinação da topografia. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 36)

3.2.2 Tipologias existentes das casas típicas marienses

A casa típica mariense, surge como um “modelo base” e tem como grande potencialidade a sua capacidade de se modificar e adaptar a novas tipologias. Assim como houve a adaptação de uma nova chaminé (com a justificação da população que esta não deixava entrar a água da chuva), partindo da chaminé antiga, que ainda é constante em muitas habitações. É uma chaminé que também existe na ilha de São Miguel, esta foi adaptada no início do século XX, para a chaminé a vapor, modelo cilíndrico, mais pequena e individualizada apenas da ilha de Santa Maria, ou seja, a própria casa vai se modernizando. Assim sendo, esta constante modernização foi afetando as casas marienses, pois com o tempo sofreram alterações. Na medida em que surge assim, casas

¹⁶ Loja é a zona térrea do pavimento da casa de dois pisos ou mais, principalmente na zona rural que se destina a arrumo de alimentos, de animais ou materiais de produção, e por vezes serve de adegas.

marienses com telhados de duas águas, casas com ampliação do seu volume inicial (as casas alongadas), as casas com planta em L, surge também casas dobradas, com telhados múltiplos. Onde podemos considerar a casa mariense, como um modelo orgânico que é bastante permeável à adaptação. “A outra potencialidade que evidencia o modelo síntese é a sua capacidade de modernização. Não só o conjunto forno/caixa do lar se adaptou a uma nova chaminé, como já foi referido, mas a própria casa afina ou modifica as suas características.” (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 37 e 38)

No conceito de “tipologias” entende-se pelo estudo da organização espacial interior das casas, permitindo assim fazer a distinção entre elas, a ordenação por categorias, e a fim de se poder comparar as tipologias existentes. Esta faz parte de uma interpretação cronológica que permite conhecer a “família” de casas existentes, pelos seus valores e linguagem espacial. Pois na arquitetura vernácula existe muito pouca informação e documentação que permite saber os detalhes da construção, em que se pode associar a uma data aproximada da construção. (Fernandes, 1996, p. 271 e 272)

Este capítulo refere a multiplicidade espacial das casas típicas, a partir de um modelo base, a diversidade de organização interior, as formas, detalhes e funções de cada divisão da casa, que refletem também sobre o seu exterior que envolve a casa partindo da sua implantação. É de referir também a imagem exterior de cada casa que irá aparecer ao longo do capítulo de forma que seja compreensível para se poder distinguir as tipologias, as conexões interiores da casa e como os modelos vão evoluindo. (Fernandes, 1996, p. 272)

Para uma melhor compreensão dos modelos de casas rurais mariense, partiu-se do estudo do modelo considerado como casa-tipo que é a casa típica mariense. É o modelo descrito anteriormente, que tem uma organização simples, e este foi adaptado para casas com maior complexidade, houve modelos que foram ampliados, e outros construídos de raiz com maior dimensão, partindo sempre como base a simetria da “casa antiga”. Permitindo assim, ter uma visão da evolução da casa mariense ao longo dos anos. (Fernandes, 1996, p. 272)

Nota-se que é em grande foco apenas a arquitetura habitacional rural, afirmando sempre a importância da implantação em que a casa se encontra, rodeada quase sempre pela plena natureza muito presente em toda ilha.

3.2.3 A casa de meia-loja/ “Casa balcão”

Em zonas com declive, principalmente na zona oriental da ilha faz-se uma adaptação da casa-tipo mariense ao terreno (Figura 47), fazendo um aproveitamento parcial da inclinação da topografia, acrescentando um meio piso (que fica na base, na parte inferior), que se designa por loja, (intitulada por meia-loja por ter só meio piso), assim, no nível superior é onde se encontra a casa, com planta retangular, em que o acesso é exterior, feito pelas escadas de alvenaria que levam a um balcão “adossado” à fachada principal. No piso da casa, a sua organização interior é semelhante à da casa-tipo mencionada anteriormente, tendo um espaço de entrada, em que de um lado tem um quarto e do outro a cozinha e sala, ou até só a cozinha. Na continuidade da casa-tipo, a casa-balcão (Figura 48) também tem a cobertura de quatro águas, e no seguimento da mesma, o elemento identitário destas casas é o sistema do forno e chaminé que existe nestas casas rurais mais pequenas, assim como também nas outras habitações da ilha, das rurais às urbanas. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 36 e 37)



Figura 47 - Exemplo de casa balcão, Santo Espírito, 2023



Figura 48 - Exemplo de casa balcão de menor dimensão, Santa Bárbara, 2023

As casas típicas marienses com um só piso, aparecem normalmente em terrenos mais planos e muito na zona oeste da ilha, e as casas de meia-loja aparecem em terrenos mais acentuados (Figura 49), com mais declive na parte mais oriental da ilha, estas possuem em comum o espaço exterior, a zona de balcão, com um muro baixinho a delimitar, cimentado, nas casas balcão o muro é mais alto e continua com a escada, caiado e delimitado com cor característica. (Caldas, 2007, p.65)

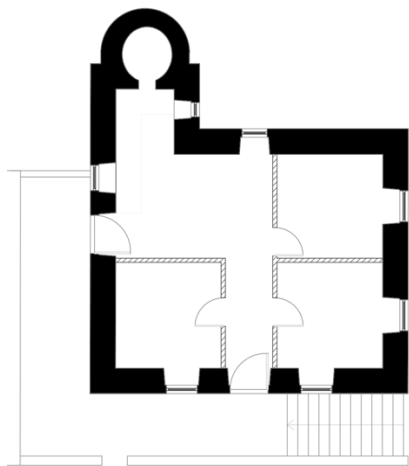


Figura 49 - Casas balcão em estado de degradação avançado e ruína, Santa Bárbara, 2023

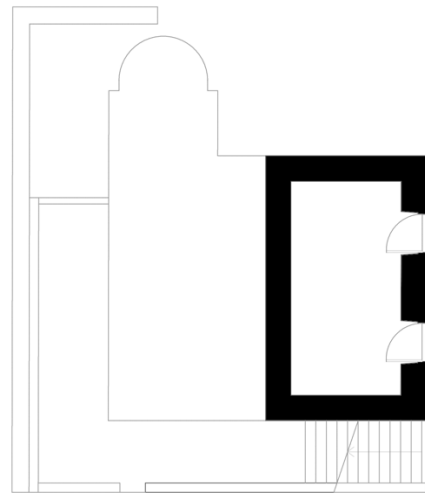
A “casa de balcão”, é a que possui escadas de pedra para o acesso descoberto ao piso superior, levando à entrada principal da casa. O desnível do terreno é aproveitado para criar um anexo inferior e até por vezes inventado para que a cozinha fique sempre no ponto mais alto do terreno, servindo de suporte para o forno. (Fernandes, 1996, p. 357)

Em termos construtivos, a casa de meia-loja é de planta retangular (Figura 50) contém a “caixa do lar¹⁷” com chaminé antiga, de modelo retangular ou a chaminé a vapor com o volume cilíndrico, no interior da caixa do forno tem uma janela pequena, que ilumina o espaço de trabalho/preparação na cozinha. É construída em alvenaria de pedra rebocada e caiada, só as zonas dos socos nas paredes, cunhais, e molduras dos vãos é que são pintados de uma cor diferenciada. As janelas são de guilhotina com duas folhas, podendo variar o tipo de janelas, podendo também ser de batente. A cobertura tal como o modelo base, de casa térrea, é de quatro águas, coberta com telha de meia-cana tradicional com beiral simples, ou beiral duplo, diferindo de caso a caso. As escadas das casas são construídas em pedra à vista e em algumas rebocadas posteriormente. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 119)

¹⁷ Caixa do lar é o volume em caixa, saliente da cozinha, que está aberto à caixa da chaminé, e na zona deste “lar” é facilmente identificável pois contém o poial/pial por baixo da boca do forno, onde se acende o fogo para o forno.



Planta de Piso Térreo



Planta de Piso -1

Figura 50 - Planta de um exemplo de uma casa de meia-loja, 2023

3.2.4 A casa dobrada

A casa dobrada ou de telhados múltiplos é uma variação da casa mariense, que se acrescenta área útil, ou seja, ocorre uma ampliação sem se mexer diretamente com a fachada principal, nem alterando a dimensão da fachada. A duplicação da casa é feita na sua profundidade (Figura 51), na parte tardoz da casa, ou seja, a planta é dobrada. (Caldas, 2007, p.66)

A “casa dobrada” é uma tipologia constituída por dois volumes paralelos e térreos, os mesmos de planta retangular, estes possuem normalmente a duplicação da sua compartimentação interna, e a duplicação dos seus telhados. Sendo estas coberturas independentes, com quatro águas cada, e com o mesmo nível, raramente com cobertura de duas águas. (Fernandes, 1996, p. 308 e 309)



Figura 51 - Casa dobrada, Santa Bárbara, 2023

Esta casa de telhados múltiplos apresenta uma maior complexidade a nível de organização interna, o que se entende por um sistema, em que a fachada lateral é alterada (Figura 52), havendo a abertura de uma janela em cada um dos alçados laterais. A sua organização interior é duplicada, seguindo a casa-tipo com a entrada pela porta principal a dar para um corredor que separa o quarto da zona de sala/cozinha, na cozinha como elemento fundamental o sistema de forno/chaminé. Devido à junção dos dois módulos retangulares, cada módulo tem a sua cobertura individualizada em vez de ser uma cobertura única, em que estes dois telhados são divididos por uma parede estrutural. (Caldas, 2007, p.66)



Figura 52 - Casa dobrada/telhado múltiplo, São Pedro, 2023

3.2.5 A casa com fachada triangular

A casa de fachada triangular é diferenciada do modelo de casa típica por ter um acabamento superior triangular na fachada principal (Figura 53), seguindo a mesma métrica de janela-porta-janela, só que com uma janela no piso superior (janela de gateira¹⁸). Tem uma planta de piso por norma quadrangular e a cobertura de duas águas, com um piso térreo e o piso de sótão. A nível construtivo mantém-se semelhante ao modelo típico, alterando a dimensão interior, pois contém um segundo piso de aproveitamento para sótão.



Figura 53 - Fonte do Jordão, Santo Espírito, 2023

¹⁸ “Janela de gateira”, gateira é o modo como a população designava a janela superior do sótão

A casa de fachada triangular tem um pé direito mais alto, pois desta forma consegue ter o aproveitamento do sótão, de acordo com a fachada, possui um vão que ilumina a parte superior, que recorrentemente é um quarto. A cobertura de duas águas, é com telha de meia-cana tradicional e rematada com um beiral duplo e em certos casos com beiral simples. A casa é tal como na casa típica construída em alvenaria de pedra rebocada e posteriormente caiada, excepcionando as molduras dos vãos, o soco da casa e cunhais que normalmente são pintados com uma cor definida normalmente pela freguesia.

A nível de planta é muito semelhante à casa típica, com uma planta simples em que no piso térreo possui a cozinha/sala, é na cozinha que normalmente estão as escadas para o piso superior e um quarto na lateral, no piso do sótão, dispõe unicamente do quarto ou arrumo. A entrada na habitação é feita por um balcão que se encontra na parte exterior que integra a fachada principal da casa.

3.2.6 A casa típica de duas águas



Figura 54 - Calheta, Santo Espírito, 2023

A casa com telhado de duas águas (Figura 54) tem a particularidade de ser térrea ou com meia-loja, e possui um sótão, à semelhança da casa com fachada triangular, diferenciando-se desta por ter as fachadas laterais triangulares e manter a fachada principal tal como a do modelo base, com a simetria de vãos janela-porta-janela, esta difere na cobertura, pois o modelo base possui quatro águas e esta tipologias dispõe apenas de duas águas. A planta desta tipologia (Figura 55), geralmente é quadrangular (podendo se modificar), se a casa for térrea, só possui o piso térreo e o piso do sótão, se for com aproveitamento do terreno, é adaptado de modo que tenha uma “loja” sob o piso da habitação, na cota mais baixa do terreno, tal como o da “casa balcão”, no piso acima dispõe o programa da casa, e no piso superior o piso de sótão. A casa é constituída

também pela “caixa do lar”, o forno semicilíndrico, e a chaminé a vapor, a mais recente. O acesso à casa é feito através de um balcão na frente da casa que dá também acesso à parte traseira da casa, e acesso ao piso inferior de meia-loja no caso de ser “casa balcão” (Figura 56) pela escada que se encontra adossada à fachada principal. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 38 e 120)

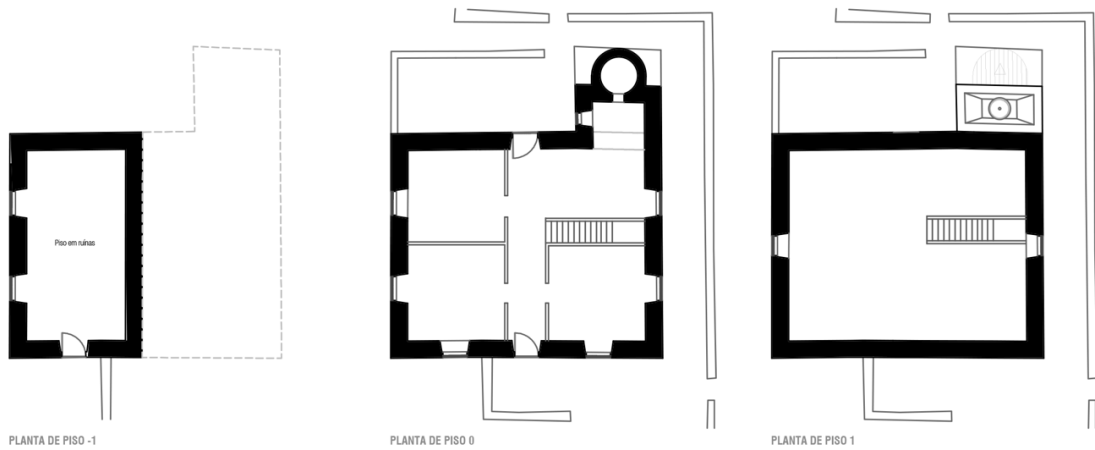


Figura 55 - Planta síntese de um exemplo de casas de duas águas, com piso -1, térreo e sótão, 2023



Figura 56 - Casa de duas águas, adaptada ao declive do terreno, tendo balcão e loja, Santo Espírito (Buildingazores, 2022)

Estas a nível construtivo, seguem à semelhança do modelo de casa típica, em que são construídas com paredes de alvenaria de pedra estas rebocadas e caiadas, e com as molduras de vãos (algumas diferenciadas com as cornijas mais expressivas), socos, e cunhais pintados de outra cor. As janelas podem se diferenciar caso a caso, tal como os beirais, podendo ser simples ou duplos, pois são modelos que se foram adaptando de acordo com a casa-tipo mariense. Muitas destas habitações na sua generalidade, possuem palheiros, e currais no terreno da habitação que por norma são construídos em alvenaria de pedra seca, em que serve para os animais e arrumo. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 120)

3.2.7 A casa em L

A casa com planta em L, tem a fachada da casa típica como o modelo base, e é composta por ampliações diferenciadas, podendo ser de um (Figura 57) ou de dois pisos, em que com dois pisos, por norma, tal como a casa de meia-loja, é habitação na parte superior e loja na parte inferior, fazendo o aproveitamento fracionado do declive do terreno. Assim sendo, na casa com o desnível do terreno, o corpo da casa apresenta uma planta em L (Figura 58), em que um deles integra a cozinha, que normalmente é quase sempre o volume que está perpendicular, o que está encostado ao volume original, com o forno/caixa de forno. A chaminé pode variar de casa para casa, podendo ser a mais antiga, com o volume retangular, ou a chaminé a vapor (Figura 59), o modelo cilíndrico. (Caldas, 2007, p.68)



Figura 57 - Calheta, Santo Espírito, 2023 (Buildingazores, 2022)

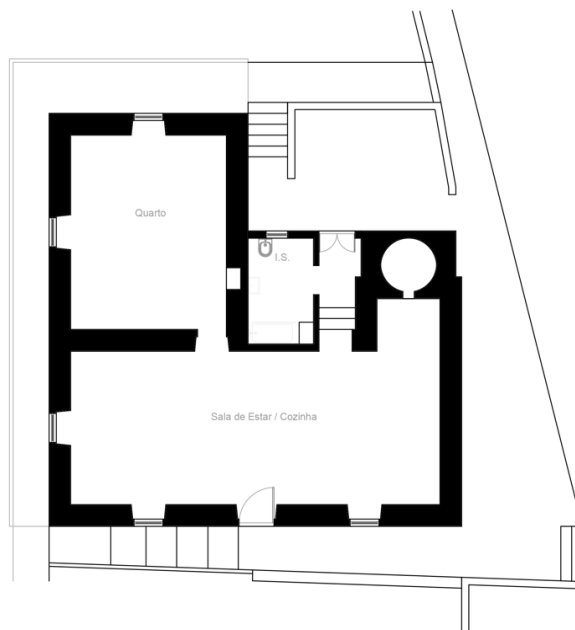


Figura 58 - Planta de exemplo de casa em L, 2023



Figura 59 – Arrebetão, Santa Bárbara, 2023



Figura 60 - Glória, Santo Espírito, 2023

Tal como na generalidade das casas, é construída do mesmo material, alvenaria de pedra rebocada, caiada, com os socos, cunhais e molduras de uma cor diferenciada e com a pedra de cantaria pintada, e são pintados também os remates das arestas do balcão. A cobertura permanece de quatro águas, com a telha de meia-cana tradicional, com casos de beirais simples e outros de beirais duplos, algumas casas tem o remate extremo dos beirais com o acabamento em “pombinhas”¹⁹ como mostra na casa da Glória (Figura 60), e em outras casas o canto é sem beira assim como na casa típica. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria - Vila do Porto, 2005, p. 120)

¹⁹ Pombinhas – Elemento decorativo de telha que fica na aresta entre o extremo dos beirais, com a forma de lança

3.2.8 A casa típica alongada

A casa alongada surge através da ampliação de um módulo (Figura 61) na casa típica mariense, a partir do modelo base de janela-porta-janela, na qual se acrescenta o módulo que frequentemente é um quarto, ou seja, perde a métrica que existe na casa-tipo, acrescentando um vão na fachada principal. Esta ampliação origina um retângulo comprido, deixando assim a porta de estar no centro da fachada principal.



Figura 61 - Casa alongada na Graça, Almagreira, 2023

Estas casas alongadas podem surgir de uma ampliação ao existente, ou mesmo de raiz com uma área maior, devido à necessidade de ter uma habitação maior. Em que nos casos mais simples só se acrescenta um compartimento (Figura 62), que por norma é um quarto, com acesso pelo interior da casa, ou seja, vai-se de um compartimento para o outro sem corredor. Em outras situações, ocorre outras ampliações, não só a nível de fachada principal, mas acrescentando área noutros alçados como no exemplo abaixo, no alçado tardoz. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 37 e 98)



Figura 62 - Exemplo de casa alongada em Santa Bárbara, 2023

O método construtivo passa pelo mesmo processo do modelo-base, com planta retangular, se a ampliação for na lateral, em que a materialidade se mantém de alvenaria de pedra rebocada e posteriormente caiada, com os socos das paredes, cunhais, e molduras dos vãos de uma cor diferenciada. A “caixa do lar” e o forno semicilíndrico são salientes, a chaminé pode variar em que pode se apresentar da mais antiga à chaminé cilíndrica, “a vapor”, a cobertura de quatro águas, com telha meia-cana tradicional, o beiral pode diferir do simples ao duplo. A nível de organização interna, é semelhante à do modelo típico em que na zona de entrada pode conter um corredor, ou dá logo ligação direta à cozinha ou sala, e do outro lado um quarto/sala que dá acesso a um segundo compartimento que é o modulo ampliado. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 37 e 98)

3.2.9 A casa rural abastada

Esta variante de casas e a anterior pertencem ao grupo das casas mais modernas, que são casas com uma área maior, construídas de raiz ou ampliadas. Esta é uma tipologia de casa de meia-loja com dois pisos (Figura 63), mas também poderá ser uma casa térrea, com um dimensionamento maior que o modelo mariense habitual, em que na fachada, notasse que foi acrescentado mais um vão, pertencente ao compartimento ampliado que usualmente é para um quarto, assim perde a simetria do modelo típico habitual.



Figura 63 - Casa abastada na Praia Formosa, Almagreira, 2023

A variante de casas rurais com dois pisos fazem o aproveitamento do declive, utilizando tal como o modelo de meia-loja, o piso inferior como zona de loja, em que serve muitas das vezes de arrumo de materiais de produção, no caso do exemplo da Praia Formosa. A casa além de apresentar o meio-piso e o piso de habitação tem umas escadas interiores na cozinha que leva ao sótão, que muito possivelmente era zona apenas zona de arrumação. Em termos de planta geral

(Figura 64) é uma casa de uma dimensão diferenciada, dos casos vistos anteriormente, com planta retangular que tal como na casa-tipo possui um corredor de entrada que leva a uma sala à esquerda, e dois quartos à direita, na parte traseira no seguimento do corredor, possui a zona de entrada que não está representada na planta, para a cozinha, à esquerda a cozinha com a caixa do forno, os poiais, e à direita do mesmo corredor existe uma sala, em que a mesma dá acesso a um quarto, os mesmos tem acessos entre eles.

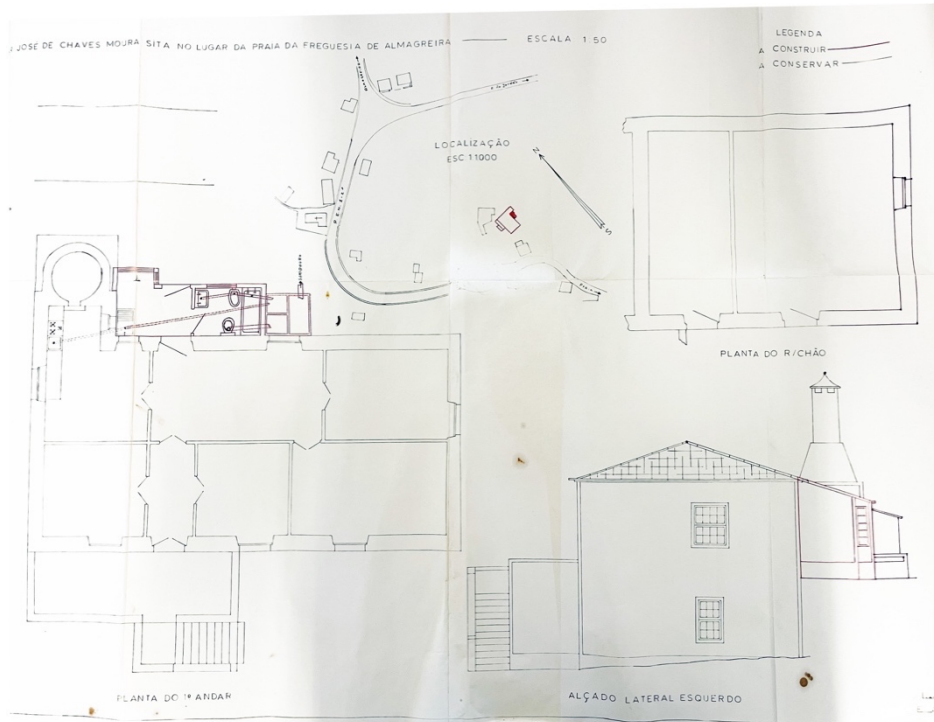


Figura 64 - Plantas e Alçado da casa balcão alongada, Praia Formosa

A nível construtivo, estas casas utilizam os mesmos métodos construtivos anteriores, são construídas em alvenaria de pedra rebocada e caiada, excepcionando as molduras dos vãos, socos das paredes e cunhais que são pintados de uma cor específica, as coberturas são normalmente de quatro águas, o que não quer dizer que haja casos específicos que se diferencie, estas são complementadas com as telhas de meia-cana tradicional, rematadas com os beirais. Nestas casas de maior dimensão, o beiral é frequentemente duplo, mas podendo ser simples. As janelas são de guilhotina, as portas de madeira com o envidraçado na parte superior, de forma que possibilita a entrada de luz, no caso da porta principal, esta permite iluminar a zona de corredor. O acesso à casa é feito pelo balcão exterior com escadas em alvenaria de pedra. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 137)

3.2.10 Síntese das tipologias existentes

Para sintetizar, foi possível verificar todas as variações existentes (Figura 65), a partir do modelo de casa-tipo, notando, que é facilmente adaptável e “desdobrável” para novos contextos e alterações. Pois, com as alterações que foram sofrendo, muitas não perderam a sua métrica. O exemplo da “casa balcão”, é imprescindível neste trabalho, pela forma como fizeram do problema, que era os declives e relevos acentuados dos terrenos, a “solução”, que foi fazer o aproveitamento para integrar na metade da casa, um piso inferior, de meia loja, servindo de base para a casa. Este modelo é notável principalmente nas zonas com mais declive, em que se utiliza esta solução em maior parte dos casos.

Nas restantes tipologias apresentadas, foram surgindo de forma a aumentar a área interior da casa, para que se fizesse o aproveitamento máximo, como o do sótão, como na casa de fachada triangular, ou na casa de duas águas. Ou a simples duplicação da tipologia pelo alçado tardoz. A casa em L, que acrescenta um novo volume ligado à casa, ou num caso mais simples, acrescentando apenas mais um módulo ao modelo base, tal como na casa alongada.

Dependendo da condição financeira, as famílias mais abastadas iam aumentando ou construindo de raiz alguns destes modelos, alterando-os para casas maiores, com mais quartos e aproveitamento de pisos. Podendo, contudo, verificar o quanto a casa é “desdobrável” por várias vertentes, necessitando de ter uma certa precaução, para que não se perca a simetria e métrica que é tão referente no modelo base da casa típica.

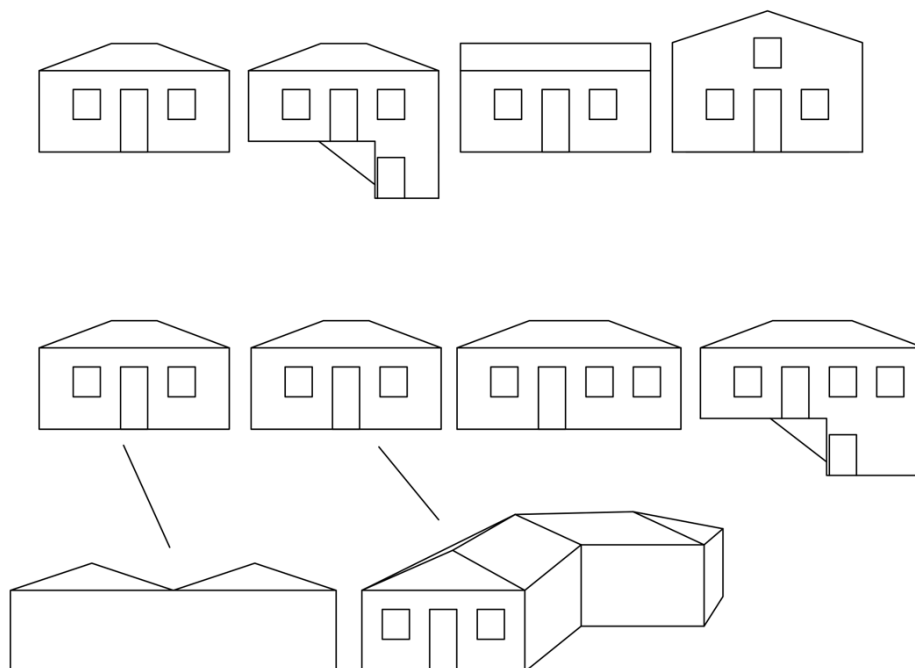


Figura 65 - Síntese das tipologias existentes a partir do modelo base, 2023

3.3 – Técnicas e materiais construtivos

Para a compreensão das casas em geral, este capítulo irá se desdobrar sobre os pormenores construtivos e elementos morfológicos das casas rurais marienses que constituem a própria casa, assim como coberturas, paredes os vãos, molduras de vãos, estruturas internas como externas, efetuando assim, uma análise da casa que se converte na sua generalidade aos pormenores e métodos construtivos incidirem sobre o mesmo.

3.3.1 Interior das habitações

As paredes internas das casas, que fazem as divisórias interiores são normalmente em tabique²⁰, revestido com tábuas em enxamel²¹ ou com argamassa, depois as paredes eram caiadas, tendo em alguns casos paredes internas estruturais, que são em alvenaria. Nas casas mais simples como no caso da casa-tipo a cobertura em madeira fica aparente, e em outros casos os tetos são em estuque escondendo a estrutura em madeira.

O pavimento interior nas casas rurais marienses menos abastadas por vezes eram de terra batida, em outras de pedra de cantaria (Figura 66), e algumas tinham alguns compartimentos principais com o chão em tábuas de madeira. Nas casas mais abastadas o piso térreo (loja) era lajeado e no piso superior da casa era em soalho de madeira (Figura 67), havendo áreas em que o piso também poderia ser lajeado, como na cozinha. (Fernandes, 1996, p. 311)



Figura 66 - Pavimento em pedra de cantaria do interior de uma habitação, Buildingazores, 2019

²⁰ Tabique - Parede feita de madeira com estrutura de madeira

²¹ Enxamel - É uma técnica de construção em que as tábuas que se cruzam formam o tabique para se rebocar;



Figura 67 - Piso lajeado e em madeira, Buildingazores

As portas interiores em semelhança à porta principal eram de madeira, e com bandeira na parte superior (Figura 68) com uma faixa envidraçada permitindo a entrada de luz, ou só a porta de madeira simples, sem a faixa envidraçada.



Figura 68 - Porta de madeira com bandeira na parte superior, 2023

Na cozinha, na zona do forno dispõe por baixo o denominado poial/pial, que são as bancadas de apoio da cozinha estas de pedra de cantaria, estes que são mais baixos, seguindo o alinhamento da linha inferior do forno, e até por vezes tinha uma bancada pequena e mais baixa. Ao lado do forno, existe uma janela de muito pequena dimensão, que ilumina dentro do arco do forno (por ser uma zona bastante escura), este que é feito com a estrutura de pedra de cantaria. (Caldas, 2007, p.64 e 65)

3.3.2 Exterior das habitações

No exterior da casa mariense existe uma zona de balcão na parte da frente da casa, na largura total da habitação em que poderá se apresentar em terra batida, lajeado ou ladrilhado, em que possui um muro baixo de 40 a 60 cm de altura e caiado. O balcão é uma zona exterior normalmente com uma excelente vista, que é visível a partir da fachada da casa típica da ilha (Figura 69). (Fernandes, 1996, p. 314 e 315)

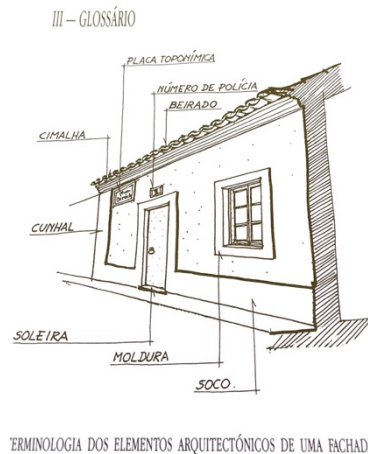


Figura 69 - Elementos arquitetónicos de uma fachada em Vila do Porto, Santa Maria, (Plano de Salvaguarda da Vila do Porto), Gouveia, 1992

As paredes exteriores das casas variam e espessura entre sessenta centímetros a um metro, constituídas por pedra de alvenaria (basáltica ou de cantaria), sempre com a caiação feita com as pedras de cal que das rochas se retirava, e eram passadas pelos fornos de cal para que ficassem em pó, e com água se aplicar nas casas marienses. Santa Maria, além do barro também exportou cal, e as faixas com cor (Figura 70) ao redor da casa e dos vãos, em que inicialmente era da cor almagre, cor que era produzida na ilha, um vermelho mais escuro, em que alterou para que cada freguesia fosse representada de uma cor, em que o Azul representa a freguesia de Santa Bárbara, o verde a freguesia de Santo Espírito, o almagre, Almagreira, e o amarelo São Pedro e o cinzento, Vila do Porto. (Caldas, 2007, p.52)



Figura 70 - Cores tradicionais da ilha (Gouveia, 1992)

As coberturas das casas típicas por norma são de quatro águas, assentes nas paredes exteriores da casa e o telhado com pouca inclinação. A base da estrutura do telhado, são troncos encastrados perpendiculares às paredes externas, que encaixa na parede, no frechal²², em que os barrotes de madeira ficam perpendiculares ao longo do frechal em que se une à cumeeira. A armação dos telhados é em “tesoura”, uma armação simplificada, em que é utilizado o travamento em madeira com menor dimensão, o que permite os telhados de quatro águas, apoiados nas paredes de pedra. Os espigões, os forros (tábuas finas sobrepostas) que são cobertas posteriormente por telha de canudo regional. As coberturas mais recentes variam e podem ser de duas águas. (Fernandes, 1996, p. 310 e 311)

Os beirais utilizados nas casas rurais marienses podem ser simples ou duplos com beira e “subeira”. A ilha de Santa Maria é distinguida pelo facto, de que nos cantos, o encontro das arestas dos beirais serem sem beiras (Figura 71), ou seja, quando os mesmos se encontram não tem telha de remate nas extremidades, (só as casas de quinta ou mais abastadas que possuem pombinhas), o cunhal da parede é mais alto, fazendo os cantos da casa sem telha e estes cantos são caiados. (Fernandes, 1996, p. 310 e 311)



Figura 71 - Beiral da casa típica

²² Frechal – Viga em madeira que assenta sobre a parede

As molduras dos vãos (Figura 72) são fundamentais no que toca à identidade das casas típicas marienses, sendo que estas destacam ainda mais a métrica dos vãos na fachada, pois caracterizam cada vão, estas que se podem distinguir das simples que envolvem o vão com uma espessura mínima saliente em que a parte superior e inferior são mais largas do que as laterais, no entanto existem também as molduras com as cornijas mais salientes como exemplo nas figuras abaixo, e tem as molduras com um acabamento superior triangular.



Figura 72 - Diferentes tipos de molduras de vãos (simples, triangular e com cornijas salientes), 2023

Nas casas rurais marienses o pavimento exterior era revestido de terra batida, cimentado, ou de pedra demarcando na frente da casa o “balcão”, este que tinha quase sempre um muro baixo e caiado (Figura 73), quando tinha escadas, estas também apresentavam a continuidade da materialidade, ou podiam ter a pedra à vista, mas o muro e a escada eram demarcados pela caição e a faixa de cor. (Caldas, 2007, p.65)



Figura 73 -Muro da casa típicas, socos, cunhais e molduras pintados, Almagreira 2023

As janelas das casas marienses (Figura 74) são frequentemente de guilhotina, estas que se pode observar desde a casa nobre à mais humilde, a tradicional janela de guilhotina, que está presente na casa mariense, é de caixilho de madeira pintada e pequenos envidraçados, e pode ter uma portada interior de madeira. As janelas também podem ser janelas de batente de duas folhas com uma bandeira superior fixa (Figura 75) e as portas exteriores da casa mariense são tradicionalmente de madeira, simples, possuem uma faixa superior envidraçada, estas são sempre acompanhadas de uma soleira com uma espessura variável. (Inventário do património imóvel dos Açores - Santa Maria -Vila do Porto, 2005, p. 90 e 98)



Figura 74 - Janela de guilhotina com portada, Praia Formosa, 2023

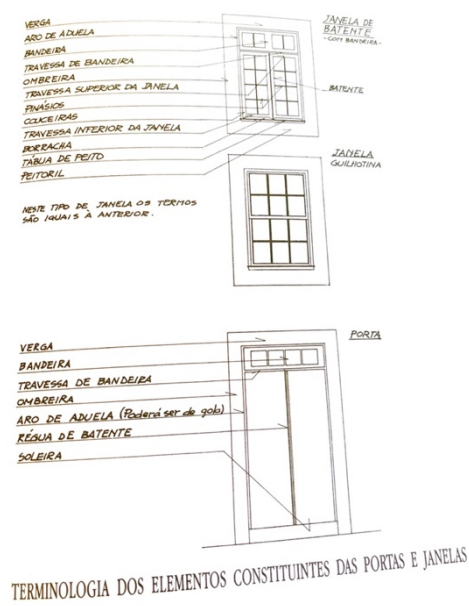


Figura 75 - Janelas e portas tradicionais das casas marienses (Gouveia, 1992)

Nas casas rurais havia uma necessidade de aproveitamento das águas fluviais e com isto levou a que se criassem métodos e formas de recolher essas águas provenientes da chuva. Com isso em algumas casas possuíam talhas com um sistema de caleiras embutidas nas paredes, em zonas mais escondidas. Com isso, no exemplo da casa da Praia Formosa (Figura 76), havia uma cisterna embutida no balcão (neste caso) ou poderia ser debaixo da casa ou encostado que fazia a recolha das águas e saía na frente da casa.



Figura 76 - Caleira proveniente da cisterna de baixo do balcão, onde sai as águas da chuva aproveitadas na casa, Praia Formosa, 2023

Este capítulo explora de forma expressiva a importância de compreender e documentar o modelo base da casa típica mariense, ressaltando a intrínseca relação entre arquitetura e o contexto geográfico da ilha. Ao descrever e analisar este modelo, existe também a necessidade de analisar as diversas tipologias que evoluíram a partir desse modelo base ao longo dos anos, em que conseguimos traçar um panorama da sua evolução. A importância de documentar e analisar minuciosamente as tipologias e detalhes construtivos que compõem o patrimônio cultural arquitetónico desta região, para que se possa fazer uma comparação das adaptações, alterações e os projetos de reabilitação feitos nas casas marienses.

É necessário sublinhar a importância de compreender o modelo base da casa típica mariense, a sua relação com o ambiente da ilha e a análise das tipologias e detalhes construtivos ao longo do tempo. Isso não apenas enriquece o nosso conhecimento da arquitetura local, mas também valoriza a herança cultural da ilha.

Capítulo 4 | Tipologias marienses – A sua evolução

4.1 A modernização das tipologias existentes

Neste capítulo, pretende-se destacar a versatilidade das casas típicas rurais, demonstrando alguns casos de adaptações e reabilitações como objetos de estudo, exemplificativos e expositivos, que com o seu levantamento, permitiu retirar conclusões. Além disso, é crucial reconhecer a importância que o território mariense tem sobre estas casas típicas, pois um dos aspetos principais a levar em conta quando se faz qualquer alteração, ou projeta a arquitetura na ilha, é que esta, exerce diretamente um impacto sobre o local que está inserida.

4.1.1 A insularidade como influência

Ao longo dos capítulos é visível a relação que existe entre o território e as casas rurais, em que estas já fazem parte da paisagem da ilha. A casa típica, é um elemento individualizado, único, que faz um enquadramento perfeito no território. Desde a sua implantação, em que se adapta aos terrenos, desde os planos aos mais inclinados, com um declive que a casa faz o “encaixe perfeito” se adaptando ao mesmo, a nível de planta, fachada e implantação.



Figura 77 - Paisagem com casas típicas em Santa Bárbara, que permite observar a relação entre o construído e a natureza, 2023

Esta “adaptação” ao território, é visível (Figura 77) a forma como as casas se distribuem no terreno, tendo em conta aos relevos existentes com bastante declive, esta que é a causa definidora da tipologia da “casa balcão”, presente em todas as casas visíveis na imagem, de modo a obter o aproveitamento total, tanto da casa como do terreno. Este é um exemplo de como o lugar “justifica” a forma da casa.

Este aspeto de “adaptação” é uma das características principais do modelo de casa mariense, no qual, a casa-tipo foi se alterando e resultando das várias tipologias existentes que foram apresentados anteriormente. Houve a necessidade de acrescentar a casa, com um módulo ou até construir de raiz uma casa maior, construir a casa com um sótão de aproveitamento. Estas também se adaptam à atualidade, permitindo recriar a casa, adaptando o modelo antigo a um contexto contemporâneo, juntando à “casa antiga” um novo módulo ou configuração de uma forma pensada e delicada, de modo que se enquadre e que não retire a importância que as casas típicas tem na cultura da ilha e no território.

4.2 Exemplos de alterações e adaptações

As casas marienses, a partir dos modelos exemplificados anteriormente, possuem uma grande variedade em termos de alterações e adaptações. Neste capítulo, é importante referir que não se trata de retratar o que está correto ou errado, mas sim mostrar como estas casas estão a ser adaptadas a partir do modelo base. Essas alterações normalmente são mais pontuais e simples a nível da modificação da casa inicial.

Muitas das vezes, estas casas são acrescentadas na parte tardoz (Figura 78), ou seja, onde normalmente é a zona da chaminé, ocorre um acrescento na continuidade da mesma água da cobertura. Estas ampliações muitas vezes acontecem, devido às casas antigas não terem instalação sanitária ou a casa não ter quartos suficientes para a família.



Figura 78 - Exemplo de uma ampliação na parte tardoz da casa, e a fachada principal, Santo Espírito, 2022

A nível exterior, muitas das casas, mantêm a fachada principal sem qualquer alteração, exceto a mudança de caixilharias. Normalmente, as casas típicas são caixilharias de madeira, mas atualmente existem muitos modelos que tem as caixilharias de alumínio ou PVC. A parte acrescentada tem uma abertura de vãos variada, sem uma lógica contínua, pois muitas destas são ampliações bastante antigas, mas frequentemente, a parte “nova” possui uma porta que abre para a área tardez da casa e contém a abertura de uma ou mais janelas, conferindo luz para a parte interior da casa.

A casa de molduras e cunhais amarelos (Figura 79), pertence à freguesia de São Pedro, é uma casa pequena que se integra no modelo de casa-tipo mariense, em que na sua fachada é visível a métrica de janela-porta-janela sem alteração na mesma. Tal como no modelo típico, apresenta-se sem o encontro dos beirais, com um remate caiado. A chaminé é o modelo cilíndrico, e a casa tem uma ampliação na parte tardez, esta que continua no seguimento da cobertura.



Figura 79 - Casa típica de modelo-tipo com ampliação na parte tardez, São Pedro, 2023

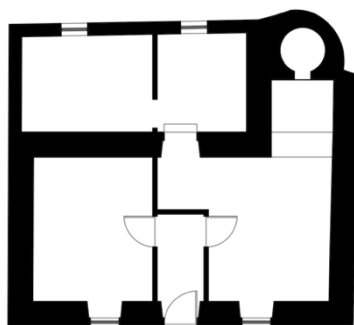
Na organização interior da casa, a mesma, à partida confere a planta tal como nos modelos tipo exemplificados anteriormente, acrescentando a ampliação que se conecta à casa com acesso pelo interior, feita possivelmente para adicionar um anexo ou instalação sanitária.

Este tipo de ampliação é bastante recorrente por toda a ilha. Supõe-se que ocorra frequentemente, devido às casas típicas não terem instalação sanitária. Esta, antigamente era num anexo de tamanho muito reduzido desviado da casa, o que na atualidade é algo impensável. Nos antepassados não era tão relevante, o que claramente teve de ser alterado por quem habitava a casa, acrescentando a casa para trás. Tanto a nível de instalação sanitária, como de quartos ou anexos, esses também são motivos pelos quais aumentam a casa, em busca de mais espaço, dado ao reduzido tamanho da casa do modelo base.

No caso de estudo abaixo, nota-se que era também uma casa-tipo, que foi ampliada no alçado tardoz (Figura 80), mantendo a configuração inicial da fachada da frente (janela-porta-janela). A nível da planta de piso (Figura 81), à entrada possui um corredor que divide o espaço de cozinha e do quarto, à semelhança do modelo base, com o forno e os poiais ainda existentes na casa. Na parte ampliada, é visível na planta que tem um rasgo na parede de alvenaria, que dá acesso e liga o módulo ampliado, o mesmo que foi acrescentando para inserir uma instalação sanitária e uma área de arrumo.



Figura 80 – Casa-tipo com ampliação no alçado tardoz, Santa Bárbara (Buildingazores, 2020)



PLANTA DE PISO TÉRREO - 1:100

Figura 81 - Planta de piso da casa com ampliação, Santa Bárbara



Figura 82 – Área interior da ampliação tardoz, Santa Bárbara (Buildingazores, 2020)

O piso recorrentemente é lajeado, em madeira ou já coberto de cerâmica, pois as ampliações são mais “recentes”. A estrutura interior é de madeira, como é possível se observar na (Figura 82), assente em paredes de alvenaria de blocos, e por norma o telhado acompanha a inclinação da cobertura no alçado tardoz, dando continuidade ao mesmo.

O exemplo que se segue é uma casa alongada (Figura 83), que já passou por um processo de alteração da fachada, acrescentando-se um vão, perdendo a métrica existente da casa-tipo e aumentando uma janela que possivelmente é um quarto. Existe também uma ampliação que ocorre no alçado contrário à fachada principal, em que se difere pelo facto da ampliação estar numa cota abaixo e não ser a continuidade do telhado da moradia inicial.



Figura 83 - Casa alongada, com ampliação tardoz, Carreira, 2023

No exemplo abaixo (Figura 84), é uma de casa de meia loja em grande estado de degradação, localizada em um terreno com um declive mais acentuado. É possível observar que foi adicionado um volume na parte de trás do edifício. Esta habitação possui, no piso inferior uma meia-loja, que normalmente serve de arrumo, e só tem acesso pela porta exterior, visível na fachada principal. Na parte superior, encontra-se a área habitável da casa, de acordo com a dimensão da casa esta deve ter apenas um quarto e a área da cozinha, dispoendo na parte da retaguarda da casa uma área ampliada com acesso ao exterior.



Figura 84 - Casa de meia-loja com ampliação na retaguarda da habitação, Carreira, 2023

Dando o exemplo de ampliações que levaram à alteração da planta, em que a introdução de um novo volume à casa raiz originou a configuração de planta em L, podendo se observar um exemplo (Figura 85), que além desse volume é possível ver também uma ampliação na área da caixa do forno e no alçado lateral, que faz a continuidade do telhado.



Figura 85 - Casa em L, com ampliações, Santa Bárbara, 2023

Outros tipos de ampliações ocorrem com anexos juntos à casa, como no exemplo (Figura 86), em que o anexo serve de arrumos exteriores, e o mesmo não tem acesso pelo interior da casa, é somente acesso exterior e podem conferir um acabamento em pedra ou caiado.



Figura 86 - Casa na Faneca, com anexo exterior lateral, 2023

Nos exemplos demonstrados neste subcapítulo, muitos deles foram retirados no trabalho de campo por toda a ilha e a maior parte, datam alterações sucessivas (Figura 87) das últimas décadas. Os casos apresentados são exemplificativos, na forma como se procederam as adaptações e ampliações das casas rurais marienses.



Figura 87 - Casa rural mariense com sucessivas alterações, Santa Bárbara, 2023

As ampliações e alterações é algo que não possui muita regra nestas tipologias e surgem de uma forma pouco uniforme, vão de acordo com as necessidades e possibilidades de quem a habita, muitas não tem preocupação no “seu todo” a nível estético e funcional, ou de integração, apenas respondem à necessidade daquela fase, surgindo em muitos casos anexos de forma descontrolada e “pouco sensível” de acordo com a casa raiz. Muitas destas alterações, quando descontroladas vão retirando a escala às casas, e por vezes descaracterizam e retiram a métrica que havia anteriormente, mais uma vez não quer dizer que seja em todos os casos.

Neste sentido, a análise das ampliações e alterações nas tipologias habitacionais revela a necessidade de uma abordagem mais cuidadosa e sensível no planeamento e execução dessas intervenções, com vista a preservar a identidade e o carácter das casas originais. Esta complexidade arquitetónica e a sua influência nas dinâmicas de transformação do espaço habitacional representam um desafio significativo para a preservação do património arquitetónico e cultural. Portanto, é crucial aprofundar a investigação nesse domínio, de forma a desenvolver estratégias e diretrizes que promovam a harmonização entre a evolução das habitações e a conservação da sua essência arquitetónica, contribuindo assim para a riqueza da herança cultural das tipologias habitacionais marienses.

4.3 Casos de estudo - Reabilitação

Neste capítulo, pretende-se apresentar casos de projetos de reabilitação de casas típicas da ilha, com o propósito de observar e analisar como tem ocorrido a integração do património cultural existente, as casas marienses, na sua adaptação às exigências contemporâneas. No sentido de que a casa mariense apresenta vários aspetos a nível morfológico e funcional, que nos dias de hoje tem de ser adaptados e melhorados. Tal como, a nível de dimensão, pois anteriormente poderia não ter sido um problema, dado ao uso dos anexos e palheiros em que se deslocavam para o exterior da casa. Mas atualmente, existem outras necessidades e realidades, em que se busca o conforto numa casa, desde instalações sanitárias, conforto térmico, iluminação natural, mais espaço nos cômodos, mais do que um quarto.

Aspetos estes, que a casa-tipo e as suas variações precisam de ser melhoradas e pensadas, de forma que cumpram com a realidade atual. Pois as habitações existentes, muitas das vezes, são pouco iluminadas no seu interior devido à limitação de vãos, e o mau isolamento conduz a desconforto térmico na casa e humidades, visto a ser casas de alvenaria de pedra, em que, de inverno muitos dos dias passam a ser de muita humidade e frio, e isso é transmitido também para o interior da casa.

Atualmente, na ilha, tem-se visto mais projetos de reabilitação (Figura 88), que são projetados levando em conta a realidade existente. Porque reabilitar uma casa, é meter em dúvida muitas das vezes, as questões de conservação, de forma a valorizar o que existe, mas necessitando de dotar condições de salubridade e adaptar cozinhas, instalações sanitárias, quartos, garantido também segurança no edifício, pois a maior parte dos casos de reabilitação são casas em ruína ou a caminho desta.



Figura 88 - Obra em andamento de uma reabilitação e ampliação de casa típica, mantendo o volume da casa existente, Santa Bárbara, 2023

A conservação destas tipologias da casa mariense (Figura 89) é algo imprescindível e algo que se tem de trabalhar de forma contínua, para descaraterizar o mínimo possível esta “paisagem mariense”, que estas casa já integram, como imagem da ilha. Ou seja, haver um trabalho harmonioso, de tal modo, a que não haja comprometimento da paisagem rural.



Figura 89 - Outro ângulo da obra de reabilitação e ampliação da casa típica que mostra a caixa do forno, Santa Bárbara, 2023

A reabilitação é uma parte da arquitetura que tem de lidar com o existente e o novo de forma integral, minuciosa e harmoniosa, de modo a favorecer essas casas, para que quem as habite tenha todas as condições ao seu dispor, mantendo a forma tradicional das habitações e abrindo novos caminhos, sensibilizando o património local e rural.

4.3.1 Caso de estudo – São Pedro, Reabilitação de casa-tipo com ampliação

Esta reabilitação (Figura 90) é uma casa-tipo mariense, caracterizada pela sua dimensão reduzida, sendo visível a necessidade de ampliação, como no caso. A ampliação da casa foi executada de forma a preservar os elementos originais, mantendo os vãos da casa pré-existente. Foi diferenciada a parte ampliada, através da incorporação de uma pala lateral e superior, causando assim, menos impacto do que as casas alongadas, que perdem a métrica da fachada janela-porta-janela. A presença da pala nesta ampliação cria uma distinção clara entre a estrutura original e a nova adição, proporcionando aos observadores uma imediata compreensão da divisão, entre o que é parte existente e o que foi ampliado.



Figura 90 - Casa-tipo, reabilitação em São Pedro, 2023

A casa é aparentemente de modelo simples, com a chaminé antiga, com um corpo retangular longo, e a caixa do forno. Tem um acabamento dos beirais diferenciado do modelo típico, pois este modelo tem os extremos de encontro dos beirais, contrariamente ao que acontece na casa-tipo mariense. As janelas foram mantidas com a configuração de guilhotina, e as molduras e cunhais da casa pintados da cor da freguesia de São Pedro, o amarelo. A habitação possui um anexo lateral separado da casa.

Este tipo de ampliações e soluções é bastante recorrente, em que nas casa-tipo se acrescenta um módulo lateral, onde se tenta diferenciar da casa existente, de forma a haver uma fácil identificação, de qual é o modelo antigo. Este módulo novo, possivelmente integra um quarto, e instalação sanitária. Pois a própria casa-raiz, por si só, apresenta uma dimensão pequena, servindo muitas das vezes apenas de sala e cozinha.

4.3.2 Caso de estudo – Santa Bárbara, Reabilitação de uma casa balcão

Esta reabilitação, está situada na freguesia de Santa Bárbara (Figura 91) e está inserida num terreno com uma inclinação bastante acentuada, onde o mesmo modelo existente já aproveitava o terreno com um piso inferior, algo típico das casas de meia-loja. Esta casa fica numa zona que oferece uma paisagem verde deslumbrante, completamente característica da freguesia, com uma implantação isolada das restantes.

Esta casa passou por uma reabilitação (Figura 92) muito pontual e sinuosa quanto ao seu existente, pois apenas foi realizada uma pequena ampliação na parte tardoz da casa, a qual integrou uma instalação sanitária. Isso permitiu, mais uma vez aproveitar o piso inferior desta área ampliada. Na casa foram mantidos todos os vãos existentes, é uma casa simples e pequena, que mesmo com a reabilitação, manteve essa característica reduzida.



Figura 91 - Casa balcão antes da reabilitação, Santa Bárbara (Builingazores, 2019)

Figura 92 - Casa balcão reabilitada, Santa Bárbara, 2023

Nesta reabilitação, é possível observar em planta (Figura 93), a parte ampliada tem um tamanho reduzido, de forma a integrar uma instalação sanitária na parte tardoz da casa, mantendo assim, a sua pré-existência quase na totalidade, apenas fazendo alterações pontuais e de melhoramento. Na organização interior no piso da casa, é visível uma zona de openspace que integra a cozinha, mantendo a área da caixa do forno. Neste mesmo alçado tem um acesso à parte ampliada através de uma porta que liga estes dois volumes, o volume pré-existente e o novo, em que a zona nova tem apenas um pequeno corredor de acesso e a instalação sanitária. A parte inferior da casa só possui acesso pelo exterior através de duas escadas, uma pela frente da casa e outra na lateral, e a mesma é composta por duas zonas de arrumos diferenciadas.

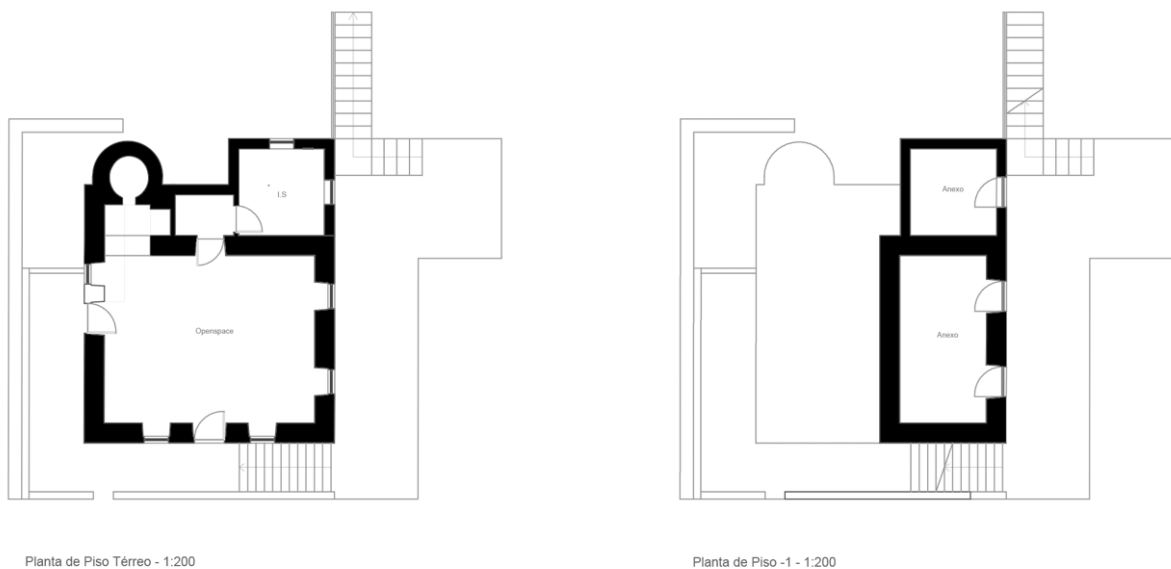


Figura 93 - Plantas de piso da casa balcão reabilitada, em Santa Bárbara, 2023

A reabilitação desta casa representa um exemplo notável de como é possível preservar a identidade arquitetónica de uma habitação, mesmo quando se opta por realizar intervenções pontuais para melhorar o conforto e a funcionalidade. A pequena ampliação realizada na parte tardoz da casa, foi feita de forma a minimizar as alterações à pré-existência, preservando a sua característica reduzida. A ligação entre o volume pré-existente e o novo proporciona uma transição entre as duas partes da habitação, garantindo uma sensação de continuidade. Esta casa foi reabilitada com um olhar atento à preservação da sua identidade arquitetónica, adaptando-a às necessidades contemporâneas sem comprometer a sua essência.

4.3.3 Caso de estudo – São Pedro, Reabilitação da casa com fachada triangular

Esta reabilitação, integra uma casa típica de fachada triangular, o modelo de casa que tem uma cobertura de duas águas e a “janela da gateira” na fachada principal, no piso superior. Neste projeto além de reabilitar a habitação existente (Figura 94), mantendo a integridade do que já existia, foi feita uma ampliação no alçado lateral (Figura 95), unindo um novo volume à casa de raiz e integrando um piso inferior aproveitando o declive do terreno para integrar uma garagem. Esta esta tipologia, por si só, possui um piso superior em que o mesmo foi mantido e aproveitado com a mesma finalidade de sótão com arrumos.



Figura 94 - Casa de fachada triangular, fase inicial de obra (Buildingazores, 2018)



Figura 95 - Casa de fachada triangular reabilitada, obras finalizadas, 2023

A nível exterior a habitação existente aparenta ter sofrido poucas alterações, é visível que o acabamento do encontro dos beirados é distinto do anterior, os vãos apresentam a mesma configuração. A organização interior, em planta (Figura 96) manteve a cozinha na zona do forno, com os poiais a fazer aproveitamento para bancadas mais altas, na zona de openspace integra a cozinha e sala, com uma escada de acesso aos arrumos superiores. A casa existente é ligada com o novo volume, através de uma porta na zona do openspace, em que integra um corredor que conecta os espaços da zona privativa, o quarto, escritório e a instalação sanitária. Na área da casa tem acesso exterior por escadas, para a garagem e zona de arrumação que fica no piso inferior.

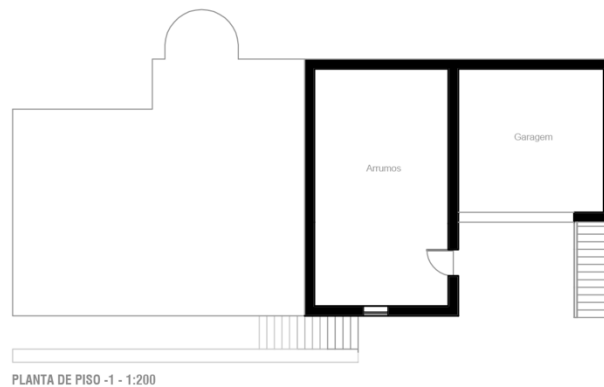
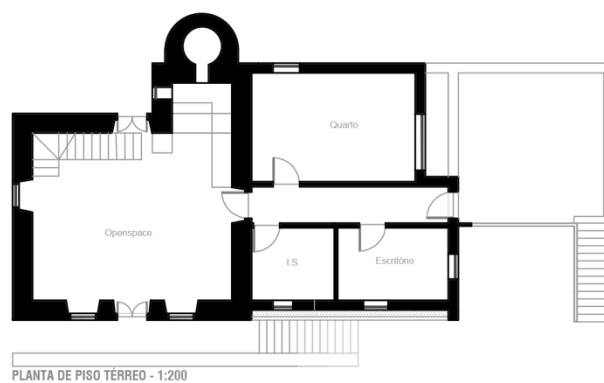
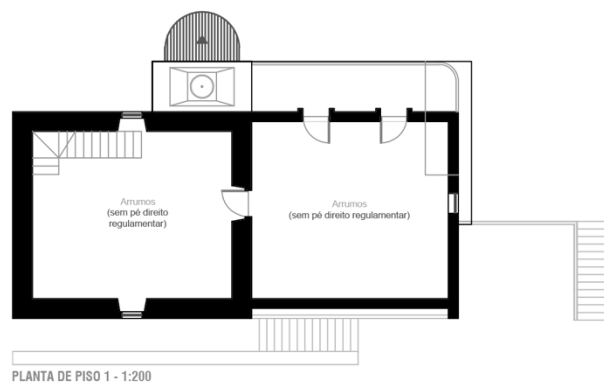


Figura 96 - Plantas de piso da casa de fachada triangulas, São Pedro

4.3.4 Caso de estudo – Santa Bárbara, Norte, Reabilitação de uma tipologia de casa alongada

Este projeto de reabilitação, parte de uma tipologia mariense de casa alongada, ou seja, uma casa-tipo que foi acrescentado um módulo com um vão, podendo esta já ser construída de raiz com a ampliação, ou apenas ampliarem a casa típica original (Figura 97). Esta é composta pela chaminé antiga, retangular, que foi mantida e destacada na reabilitação (Figura 98), as molduras de vãos na fachada principal tinham um acabamento superior triangular, que foi alterado para as molduras retangulares recorrentes, os vãos (janelas) foram mantidos em guilhotina e a porta foi alterada para uma porta típica. Os beirais, na casa original eram de acordo com o modelo base, sem o encontro dos beirais nas extremidades, o que foi alterado na casa atual, com um acabamento em telha.



Figura 97 - Casa alongada, fachada principal antes da reabilitação, Santa Bárbara, Norte (Buildingazores, 2016)



Figura 98 - Casa após a reabilitação, fachada principal, Santa Bárbara (Buildingazores, 2021)

O alçado tardoz da casa existente era composto por inúmeras ampliações (Figura 99), sendo este, possível observar no registo fotográfico antes das obras de reabilitação, descaracterizando o modelo de casa típica, e retirado importância ao forno e chaminé tradicional.



Figura 99 - Casa alongada, fachada do alçado tardoz antes da reabilitação, Santa Bárbara, Norte (Buildingazores, 2016)



Figura 100 - Casa após a reabilitação, fachada tardoz, Santa Bárbara (Buildingazores, 2021)

Neste projeto, a parte tardoz da casa com as ampliações foi substituída por um plano de linhas retas (Figura 100), com uma pala de integração, com três vãos a rasgar a fachada, diferenciando-se da linguagem da casa típica mariense, fazendo também o aproveitamento da vista mar que existe nesta zona, com uma zona exterior de balcão.

No piso inferior foi utilizada uma estratégia de camuflar a área acrescentada, com pedra de alvenaria da ilha, sendo esta incorporada na continuidade do palheiro existente, que também foi reabilitado. Este sofreu novas aberturas, de modo a integrar luminosidade e se enquadrar no contexto de garagem.

4.3.5 Caso de estudo – Praia Formosa, Reabilitação de casa-tipo abastada

Esta reabilitação está situada na Praia Formosa, e tem uma vista predominante para o mar. Foi reabilitada integrando apenas um anexo na parte tardoz da casa (Figura 101), que contém a caixa do forno. É uma casa com a chaminé antiga e que tem a configuração de uma casa-tipo abastada, com dois pisos. Aparentemente, mantém a nível exterior a configuração da pré-existência, mantendo no piso térreo a métrica de janela-porta-janela, e no piso superior na mesma fachada o alinhamento dos vãos abaixo com três janelas, existe ainda, aberturas de vãos no alçado lateral, virados para a estrada.

Esta configuração integra o elemento de chaminé antiga e retangular em que tem uma “caixa do lar” alta, com a caixa do forno em baixo, no piso térreo. A casa tem os remates dos cunhais e molduras de vãos pintados a almagre, cor da freguesia de Almagreira, com um acabamento das extremidades diferenciado dos da casa-tipo, com o remate em telha. Esta habitação já tem uma dimensão bastante considerável em relação aos exemplos anteriores, em que tem acesso vertical interior, que são escadas e são normalmente em madeira, esta casa integra os quartos e instalações sanitárias, e a cozinha que está no piso térreo.



Figura 101 - Casa reabilitada na Praia Formosa, 2023

4.3.6 Caso de estudo – Praia Formosa, Reabilitação de casa balcão e adaptação de edifício

Este conjunto habitacional passou por várias alterações ao longo dos anos, podendo-se comparar os edifícios através do registo fotográfico abaixo (Figura 102 e 103). No primeiro caso é uma adaptação de uma casa, que passou por inúmeras alterações, era inicialmente uma habitação, aparentemente simples, com uma garagem na lateral, passando a casa a ser uma adega, posteriormente, transformou-se em um edifício de restauração, em que mantém o mesmo programa atualmente no piso inferior e no piso superior é uma habitação. No caso da casa balcão, esta tipologia manteve-se, passando por um processo de reabilitação.



Figura 102 – Conjunto de casas antigas, antes das alterações, Praia Formosa, 2000



Figura 103 – Conjunto das casas atualmente, com alterações, Praia Formosa, 2023

No primeiro caso, a casa apresentava uma identidade direcionada para as casas antigas da ilha, saloias, com uma métrica de vãos pouco marcada, e dispersa. O segundo caso, da casa balcão, esta passa por um projeto de reabilitação (Figura 104), sendo reabilitada a casa existente, e ampliado um módulo retangular diferenciado da casa típica. Esta casa típica, no seu volume existente é também constituída por uma ampliação na parte tardoz, em que foi adaptada anteriormente, devido à pequena dimensão que por si só, é comum na casa balcão, seguindo os exemplos de adaptações demonstradas anteriormente do alçado de trás.

Esta manteve a sua linguagem e caracterização original, e foi mantida a chaminé típica, cilíndrica, como se pode observar (Figura 105), integrando a caixa do forno na ampliação. O módulo ampliado, é visivelmente diferenciado, o que permite distinguir evidentemente, o que é o modelo habitacional existente e o contemporâneo.



Figura 104 - Fachada principal da reabilitação da casa balcão, Praia Formosa, 2023

Figura 105 - Parte superior da casa, com a chaminé a vapor, Praia Formosa, 2023

A nível interior, foi mantido o arco em pedra de cantaria (Figura 106), demarcando a caixa do lar, neste caso foi fechado o forno e adaptado para fazer o aproveitamento para a cozinha. Esta casa integra no modelo existente dois quartos, uma instalação sanitária, e área de cozinha e sala em conjunto (openspace). Na parede lateral à caixa do forno, que está demarcada em cantaria é visível a passagem do modelo existente para o contemporâneo (Figura 107), através de um rasgo na parede existente com a cantaria antiga na parte superior, que foi mantida, este é um corredor de acesso à ampliação com um escritório, um quarto e instalação sanitária, e as escadas de acesso ao piso inferior. Este piso é onde fica todo o aproveitamento da área de ampliação, que é a garagem, mantendo o mesmo programa da área existente deste espaço, que antigamente era uma garagem também.



Figura 106 - Arco em cantaria, na cozinha, Praia Formosa, 2023

Figura 107 - Corredor de transição para área ampliada, Praia Formosa, 2023

A nível construtivo, a casa sofreu bastantes alterações, em que se optou pela estrutura de madeira à vista (Figura 108), foi introduzido isolamentos. A nível de vãos, esta manteve a caracterização original das janelas de guilhotina, alterando para janelas de alumínio e a porta exterior foi também alterada.



Figura 108 - Estrutura do telhado em madeira à vista, na área interior da casa, Praia Formosa, 2023

Este conjunto arquitetónico revela duas formas distintas de intervenção nas casas marienses, uma de adaptação e reabilitação, em que na adaptação se descaracterizou o modelo que existia, fazendo uma transformação para um novo programa, de maior escala. No segundo edifício habitacional de casa de meia-loja, este tem como objetivo por si só, a recuperação da memória dando ênfase à casa típica, sendo que na ampliação integra um módulo que consegue se diferir do modelo original, havendo uma fácil perceção do objeto contemporâneo, através da forma e materialidade.

4.4 Síntese do capítulo

Qualquer reabilitação que inclua uma ampliação ou não, leva em conta um prévio conhecimento das tipologias existentes da ilha e das técnicas construtivas, para haver um enquadramento do proposto, ao local. Observando que as adaptações e as reabilitações conseguem ser modelos distintos pela forma que integram a casa típica. Muitas destas reabilitações, que vão desde a alteração do volume existente de forma minuciosa, fazendo poucas alterações exteriores, a outros casos, onde ocorre a introdução de um novo volume, diferenciado da linguagem existente, de forma a haver essa percepção da espacialidade, entre o existente e o volume novo. Assim o objetivo deste capítulo é proporcionar uma visão abrangente sobre a reabilitação das casas típicas da ilha de Santa Maria.

Ficou claro que a preservação do património cultural dessas casas é de extrema importância, enquanto simultaneamente se busca a adaptação às necessidades e realidades contemporâneas. As transformações morfológicas e funcionais são cruciais para garantir o conforto e a habitabilidade dessas habitações, considerando as questões de iluminação, isolamento térmico e outras exigências.

De modo, que é possível observar a falta de espaço que as casas apresentam, e necessidade de obter um espaço que compatibilize com todas as preocupações do dia-dia, com uma arquitetura composta a nível espacial, funcional e volumétrica. Não excluindo a razão de integração que esta alteração seja feita, partindo assim também, da preocupação de escala, materialidades, volumetrias.

Estes aspetos referidos não referem “a receita”, ou “solução perfeita”, mas sim uma reflexão totalmente empírica sobre o contexto das tipologias existentes das casas rurais marienses, e as suas alterações e reabilitações feitas nas últimas décadas.

Um dos objetivos deste capítulo foi revelar a importância de introduzir alterações nas casas típicas de forma previamente estudada, como foram apresentados nos casos da reabilitação, para trabalhar em conformidade com todos os aspetos que englobam a arquitetura. Além de manter ao máximo da integridade da linguagem existente do objeto em que se propõe a alteração, ampliação ou reabilitação, procurando sempre um equilíbrio e uma unidade. O acompanhamento adequado é essencial e crucial, para que haja a salvaguarda do património rural, tanto na realidade construtivo, de segurança, a nível espacial e integral do elemento arquitetónico com o local. Apelando assim à necessidade de integridade em qualquer alteração que se faça com a paisagem local, a mesma, que na ilha de Santa Maria é algo crucial, a natureza possui uma força extrema, o que precisa ser levado em conta, em qualquer medida que se tome na arquitetura.

Capítulo 5 | Considerações finais

A dissertação inicia o seu estudo pelo lugar, que contém uma importância incontestável, no realce e compreensão da arquitetura, pois cada local possui a sua identidade distintiva, moldada pelas características exclusivas que o compõem, desde a topografia ao clima.

Assim sendo, esta dissertação levou a uma apreciação mais profunda e abrangente da ilha de Santa Maria, considerando-a não apenas como um mero espaço geográfico, mas como uma imagem individualizada de uma ilha marcada pelo isolamento inevitável, intrinsecamente ligada à natureza exuberante que a caracteriza. Lugar este que se conecta com a arquitetura, formando a identidade do povo mariense. Através deste, também é possível verificar especificidade da casa rural mariense, quanto à sua adaptação e permeabilidade, um encanto da arquitetura mariense que apela à memória, e as várias vivências. Sendo possível verificar e analisar o modelo base, ou seja, a casa-tipo que parte do local em que está inserida, seja num terreno plano tendo uma configuração térrea ou quando existe um terreno acentuado, em que esta se adapta, passando para a “casa balcão”. É visível o cuidado que existe na implantação destas casas, traduzindo-se em uma implantação dispersa e individualizada do arquipélago, e no modo que faz o aproveitamento total do terreno e com as melhores vistas.

Através da análise das diversas tipologias de casas presentes na ilha, destacamos a riqueza da diversidade arquitetônica, que reflete a história e a evolução da comunidade local ao longo dos anos. Nesse contexto, ressaltamos a importância da preservação das casas típicas marienses como parte essencial do patrimônio cultural da ilha. Essas estruturas não são meramente construções físicas, mas testemunhos vivos da história e da identidade da comunidade, e a sua conservação é fundamental para manter essa conexão com o passado.

No entanto, reconhecemos que o desenvolvimento e a evolução são inevitáveis, e a reabilitação e ampliação de casas são muitas vezes necessárias para atender às necessidades modernas. No entanto, é fundamental que tais intervenções sejam realizadas com a devida consideração pela ilha e pela paisagem circundante. A harmonização entre a arquitetura e a natureza deve ser uma prioridade, de modo a garantir que o desenvolvimento respeite a estética natural da ilha.

Da análise e os exemplos demonstrados ao longo deste trabalho, revela aspectos fundamentais nas intervenções feitas na ilha, ou para as futuras, em que apela à necessidade do questionamento sobre a integração das casas marienses existentes ao “novo”. Em que sim, esta deve-se reajustar às necessidades atuais, respeitando a pré-existência, que é um “legado cultural”. Assim procurou-se definir as tipologias existentes, entendendo que a sua evolução é resultado de costumes e vivências, que procuram atender às necessidades que vão surgindo.

Após esta análise tipológica viu-se que as alterações são bastante frequentes, e que muitas das vezes, estas “adaptações” resultam de algo desajustado e desintegrado. Uma preocupação que leva à descaracterização da casa existente, tanto pela imagem como pela proporção.

Enfatizando assim, a necessidade de cautela e planejamento rigoroso nas mudanças propostas para a arquitetura habitacional da ilha de Santa Maria. Qualquer alteração, seja na forma de novas construções ou reabilitações, deve ser cuidadosamente avaliada quanto ao seu impacto na imagem única e na identidade da ilha. Pois preservar essa identidade é uma responsabilidade compartilhada, que deve ser assumida com seriedade por todos os envolvidos no desenvolvimento da ilha.

Na reabilitação, o objetivo foi destacar exemplos, em que quase todos, incluem o processo de ampliação, algo sensível, mas com um peso, consequentemente na “casa raiz”, em que se pode observar a diferença entre estas reabilitações e as adaptações. Os exemplos demonstrados, a maioria tem a integração de um módulo, procedendo à ampliação de um volume à casa existente. Este diferenciado, mantendo a preservação da casa, todos os seus aspetos “típicos”.

Os exemplos demonstrados não são uma “receita”, mas uma análise sobre o contexto das adaptações feitas ao longo dos anos, e das reabilitações realizadas nos últimos anos, resultando de uma interpretação empírica. Esta que entende a necessidade das habitações terem mais espaço, devido ao tamanho reduzido da casa típica. Sendo que os casos servem como exemplo, no que tentam responder a questões de funcionais, espaciais, volumétricas, e a nível da integração no objeto existente.

O capítulo destacou também a necessidade de uma abordagem harmoniosa e sensível à conservação do ambiente rural, de forma a não comprometer a paisagem mariense. A reabilitação, portanto, assume um papel fundamental na arquitetura, integrando o existente e o novo de forma integral e minuciosa. Ao fazer isso, abre-se um espaço para a valorização do património local e rural, preservando as características tradicionais das casas marienses e ao mesmo tempo possibilitando novos caminhos para o desenvolvimento da ilha. Esta pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas, da arquitetura habitacional rural, da casa-tipo, resultando nos vários modelos tipológicos e na reabilitação dessas casas. Destacando a importância de preservar e adaptar o património cultural à realidade contemporânea, mantendo viva a rica herança da ilha de Santa Maria.

Portanto, à medida que olhamos para o futuro de Santa Maria, é imperativo que consideremos não apenas as necessidades do presente, mas também a herança cultural e natural que esta ilha representa. Somente através de um cuidado constante e um compromisso com a preservação, podemos garantir que as futuras gerações possam desfrutar de toda a beleza e autenticidade que Santa Maria tem a oferecer.

Bibliografia

- Branco, I. M. (Dezembro de 2020). O lugar do aeroporto, uma estratégia para a sua reabilitação. (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra). Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/98232>
- Caldas, J. V. (2007). *Arquitectura Popular dos Açores*. Açores: Ordem dos Arquitectos, Lisboa.
- Constância, J. d. (1982). *A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX)*. Açores - Ilha de Santa Maria: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/599>
- Direção Regional da Cultura & IAC-Instituto Açoriano da Cultura & Câmara Municipal de Vila do Porto. (2005). *Inventário do Património Imóvel dos Açores - Santa Maria*. Vila do Porto: Direção Regional da Cultura.
- Fernandes, J. M. (1996). *Cidades e Casas da Macaronésia*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Figueiredo, J. d. (1990). *Ilha de Gonçalo Velho*. Vila do Porto, Açores, Portugal/Ilha de Santa Maria : Nova Gráfica - Ponta Delgada .
- Gouveia, P. (1992). *Como construir na Vila do Porto*. Vila do Porto - Santa Maria: Secretaria Regional da Educação/ Direção Regional dos Assuntos Culturais .
- Gouveia, P. (1992). *Plano de Salvaguarda de Vila do Porto/ Sta. Maria*. Vila do Porto - Santa Maria : Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Diração Regional dos Assuntos Culturais .
- Mestre, V. (1997). *Levantamento da arquitetura Popular do Arquipélago da Madeira - Bases para a sua reabilitação enquanto património*. Universidade de Évora. Disponível em <https://www.rdpce.uevora.pt/handle/10174/13038>

- Puim, A. C. (2021). O Povo de Santa Maria o seu falar e suas vivências . Ilha de Santa Maria : Revista Acrescentada - 2^o edição.
- Raposo, A. G., & Reis, V. V. (1990). A ilha de Santa Maria. História, Clima e Evolução da População. Vila do Porto: Secretaria Regional de Turismo e Ambiente; Secretaria Regional de Habitação e Obras Públicas . Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/882>
- Rodrigues, J. D. (1995). O Caso de Santa Maria - Sociedade e Administração dos Açores (séculos XV-XVIII). Sociedade e Administração dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/487>
- Salvado, J. P. (2021). Arquitetura Popular em Portugal - Tecnologias Construtivas Tradicionais na Contemporaneidade. (Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior) Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11667>
- Sampaio, A. R. (2016). A tipologia da Bretanha na tradição de casa popular Micaelense - A importância do lugar na construção da identidade. (Dissertação de mestrado, U. Porto - Faculdade de arquitetura - Universidade do Porto). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/85117>
- Simas, N. J. (2018). Entre o tradicional e o contemporâneo: A evolução do habitat micaelense. (Dissertação de mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/17352>
- Vieira, M. A. (2018/2019). Uma tipologia na igreja micaelense (1728 - 1882). (Dissertação de mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/20292>

Apêndice I – Índice de elementos gráficos

Índice de elementos gráficos

Figura 2 –

Arquipelagos. (1584). *Mapa dos Açores*. Obtido em Agosto de 2023, de Arquipelagos:
<https://www.arquipelagos.pt/imagem/mapa-das-ilhas-dos-acores-luis-teixeira-1584-e-joanblaeu-1672-amesterdao-holanda/> 9

Figura 3 –

Cabral, C. B. (fevereiro de 2013). *Memórias e Lembranças da ilha de Santa Maria*.
Obtido em fevereiro de 2023, de Facebook: 10
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=596439957040266&set=a.12220>

Figura 4 –

Exército, S. C. (1968). *Carta Militar de Portugal*. Obtido em março de 2023, de
Arquipelagos: <https://www.arquipelagos.pt/imagem/ilha-de-santa-maria-carta-militar-de-1968-acores/> 11

Figura 5 –

Monteiro, G. B. (Agosto de 2016). *Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria*.
Obtido em Maio de 2023, de Facebook: 12
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1446262278724692&set=a.1210>

Figura 6 –

Wildviewers. (2022). Anjos. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida
diretamente pelos autores 13

Figura 7 –

Wildviewers. (2022). Almagreira. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida
diretamente pelos autores 15

Figura 8 –

Constância, J. d. (1982). A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da
sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX). Açores - Ilha de Santa Maria:
Universidade dos Açores. Disponível em 15
<https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/59>

- Figura 9** – 16
Travassos, M. (1878). São Lourenço. Ilha de Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelo autor
- Figura 10** – 16
Wildviewers. (2022). São Lourenço. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores
- Figura 11** – 17
Sousa, V. (agosto de 1978). *Carreira e Brasil*. Obtido em fevereiro de 2023, de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=549748048376124&set=a.121039751246958>
- Figura 12** – 17
Constância, J. d. (1982). A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX). Açores - Ilha de Santa Maria: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/59>
- Figura 13** – 18
Constância, J. d. (1982). A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX). Açores - Ilha de Santa Maria: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/59>
- Figura 14** – 18
Costa, V. (s/d). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em fevereiro de 2023, de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=606084116075850&set=a.493549757329287>
- Figura 15** – 19
Constância, J. d. (1982). A ilha de Santa Maria - Evolução dos principais aspectos da sua paisagem humanizada (sécs. XV e XIX). Açores - Ilha de Santa Maria: Universidade dos Açores. Disponível em <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/59>
- Figura 16** – 19
Moreira, C. (2012). *Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria*. Obtido em fevereiro de 2023, de <https://www.facebook.com/photo/?fbid=622276307789964&set=a.493549757329287>

Figura 19 –	
Wildviewers. (2022). Ilhéu das Lagoinhas. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores	22
Figura 20 –	
Figueiredo, J. d. (1990). Ilha de Gonçalo Velho . Vila do Porto , Açores, Portugal/Ilha de Santa Maria : Nova Gráfica - Ponta Delgada .	23
Figura 22 –	
Tostões, G. (1960). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em abril de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=1982207388463509&set=a.121039751246958	24
Figura 23 –	
Melo, G. (2022). Praia Formosa. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelo autor	24
Figura 24 –	
Cunha, R, J. (1982). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em fevereiro de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=635344253149836&set=a.160873477263585	25
Figura 25 –	
Moreira, C. (2013). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em fevereiro de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=622276291123299&set=a.493549757329287	25
Figura 26 –	
Wildviewers. (2022). Ponta da Salina. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores	26
Figura 27 –	
Wildviewers. (2022). Norte. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores	26

Figura 28 –	
Wildviewers. (2022). São Lourenço. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores	27
Figura 29 –	
Melo, G. (2022). Maia, Aveiro. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelo autor	28
Figura 30 –	
Melo, G. (2022). Maia, Aveiro. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelo autor	28
Figura 31 –	
Wildviewers. (2022). Costa sul. Vila do Porto, Santa Maria Açores: fotografia cedida diretamente pelos autores	28
Figura 34 –	
Cunha, R, J. (2013). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em abril de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=635397249811203&set=a.122207124463554	32
Figura 35 –	
Reis, M. (s/d). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em junho de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=959507307400194&set=a.122207124463554	32
Figura 36 –	
Chaves, E, J. (anos 50). Memórias e Lembranças da Ilha de Santa Maria. Obtido em maio de 2023, de https://www.facebook.com/photo/?fbid=713180122032915&set=a.137541119596821	33
Figura 43 –	
Buildingazores. (2019). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores	39
Figura 44 – Buildingazores. (2020). Interior de habitação. Ilha de Santa Maria:	39

fotografia cedida diretamente pelos autores

Figura 57 –

Buildingazores. (2022). Calheta, Santo Espírito. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 49

Figura 66 –

Buildingazores. (2019). Interior de habitação. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 55

Figura 67 –

Buildingazores. (2019). Interior de habitação. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 56

Figura 69 –

Gouveia, P. (1992). Plano de Salvaguarda de Vila do Porto/ Sta. Maria. Vila do Porto - Santa Maria : Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direção Regional dos Assuntos Culturais . 57

Figura 70 –

Gouveia, P. (1992). Plano de Salvaguarda de Vila do Porto/ Sta. Maria. Vila do Porto - Santa Maria : Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direção Regional dos Assuntos Culturais . 57

Figura 75 –

Gouveia, P. (1992). Plano de Salvaguarda de Vila do Porto/ Sta. Maria. Vila do Porto - Santa Maria : Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direção Regional dos Assuntos Culturais . 60

Figura 80 –

Buildingazores. (2022). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 65

Figura 82 –

Buildingazores. (2022). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 65

Figura 91 –

Buildingazores. (2019). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida 72

diretamente pelos autores

Figura 94 –

Buildingazores. (2018). São Pedro. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 74

Figura 97 –

Buildingazores. (2016). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 76

Figura 98 –

Buildingazores. (2021). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 76

Figura 99 –

Buildingazores. (2016). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 77

Figura 100 –

Buildingazores. (2021). Santa Bárbara. Ilha de Santa Maria: fotografia cedida diretamente pelos autores 77

Apêndice II – Fichas-tipo / Registo Fotográfico

Casa típica abastada

fi



Local: Praia Formosa

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa típica balcão abastada, com uma dimensão um pouco maior do que o comum, pois esta possui uma ampliação na sua fachada, em que lhe foi acrescentado um vão, sendo a casa construída de raiz ou não, esta tem o sistema de forno/lareira com uma chaminé a vapor, cilíndrica.





8



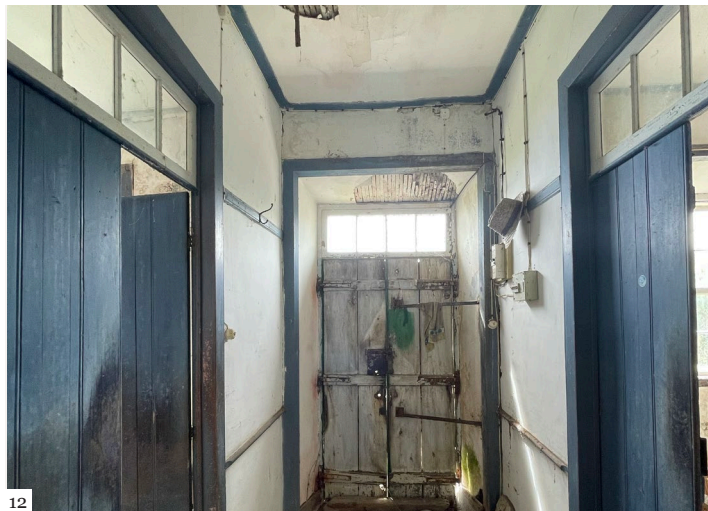
9



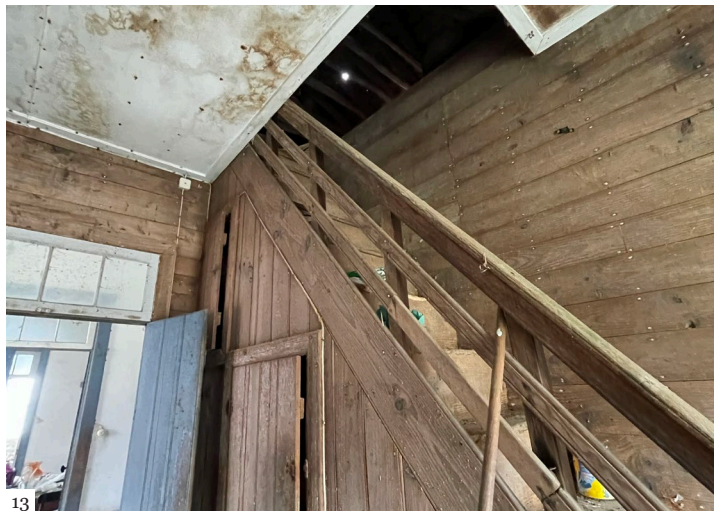
10



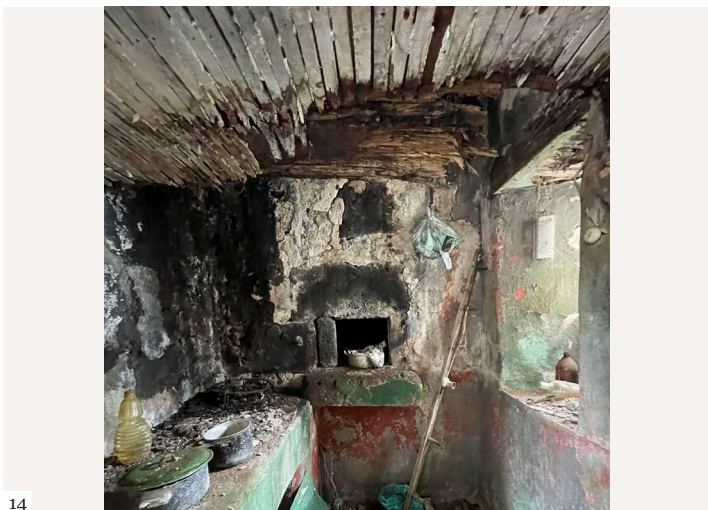
11



12



13



14



15

Casa típica ampliada

f2

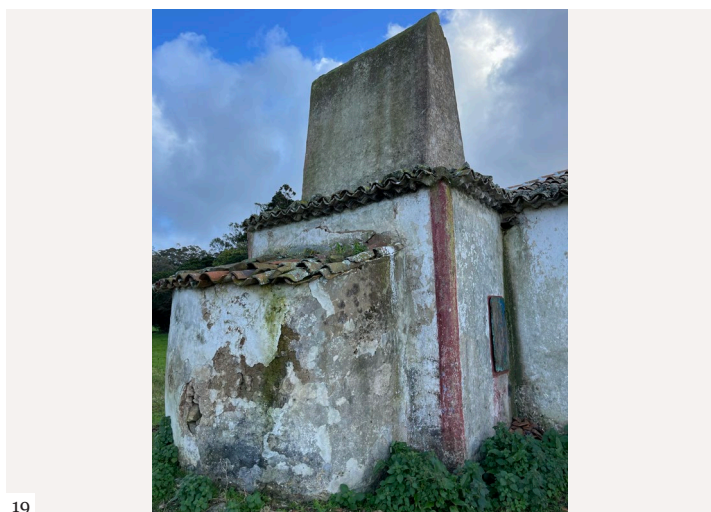


Local: Saramago

Freguesia: São Pedro

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa típica ampliada em um dos alçados laterais, com uma dimensão um pouco maior do que o comum, esta tem o sistema de forno/lareira com uma chaminé antiga, com o volume retangular, e um anexo com acesso pelo exterior em um dos seus alçados.





23



24



25



26



27



28



29



30

Casa típica abastada de 2 águas

f3

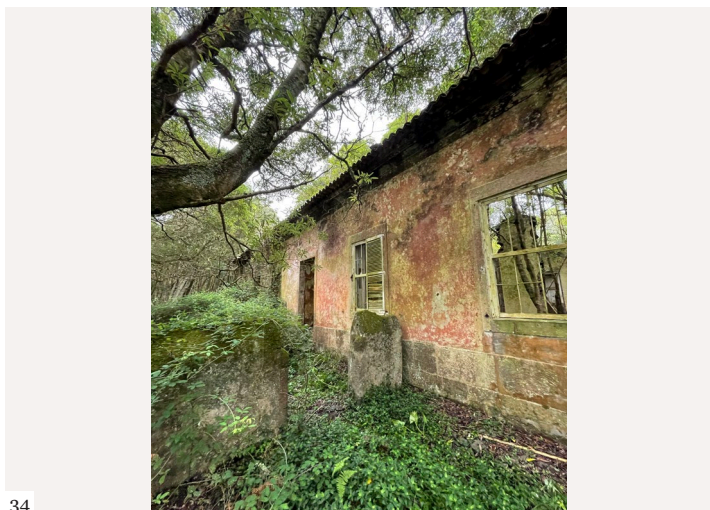


Local: Trevina

Freguesia: São Pedro

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa abastada em São Pedro, é a propriedade do Pico da Bela Vista, que se encontra em ruína, pertencida a um morgado. É uma das mais emblemáticas e referenciadas propriedades da ilha.





38



39



40



41



42



43



44



45



Local:

Freguesia: Santa Bárbara

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas balcão. Registo fotográfico para complementar o estudo da casa rural mariense.





53

Local: Brejo do meio / Fonte Nova

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas balcão. Registo fotográfico para complementar o estudo da casa rural mariense.



54



55



56



57



58



59

Local: -

Freguesia: Santa Espírito, Santa Bárbara e São Pedro

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas-tipo retiradas no percurso pela ilha. Registo fotográfico para complementar o estudo da casa rural mariense.



60



61



62



63



64



65

“Casas dobradas”

f7



Local: - Arrebentão e Feteiras

Freguesia: Santa Bárbara e São Pedro

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas com o telhado dobrado, em que o primeiro se situa em Santa Bárbara, com as molduras azuis, no arrebentão e o outro caso nas feteiras em São Pedro.





Local: -

Freguesia: Santo Espírito e São Pedro

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas com a fachada principal com acabamento superior triangular, na freguesia de Santo Espírito e a última em São Pedro.





76

Local: -

Freguesia: Santo Espírito

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de casas com a fachada principal com a métrica da casa típica e a cobertura diferenciada por ser de duas águas. Os alçados laterais possuem mais vãos. Este modelo pode ter apenas o piso térreo, ou ser de meia-loja, e tem a presença de sótão para aproveitamento do piso superior.



77



78



79



80



81



82

Local: Glória

Freguesia: Santo Espírito

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa típica ampliada no seu conjunto formando uma planta em L, uma casa com uma dimensão maior, rodeada de natureza.



83



84



85



86

Casa típica ampliada

f11



Local: Brasil, Carreira

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa típica ampliada no alçado tardoz, e com anexos em madeira. Possui o sistema forno/lareira com a chaminé cilíndrica.



Casa alongada

f12



Local: Graça

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa ampliada na fachada principal e tar-
doz, com o sistema de forno/lareira típica, em que possui a
chaminé antiga, com volume retangular.





100

Local: Carreira

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa ampliada na fachada principal e tar-
doz, onde é acrescentando um vão na fachada. A casa tem
o sistema de forno/lareira típica, em que possui a chaminé
antiga, com volume retangular.



101



102



103



104



105

Local: Carreira

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa de duas águas e dois pisos mais o sótão, é ampliada na fachada tardoz e possui o sistema de forno/lareira típica, e a chaminé a vapor, com volume cilíndrico.



106



107



108

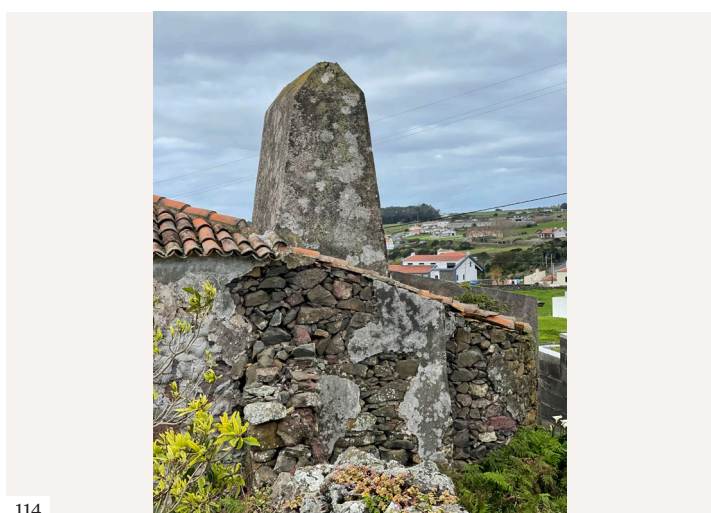


Local: Brasil, Carreira

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É uma casa “balcão” que se encontra em avançado estado de degradação, que possui um chaminé antiga, de volume retangular.



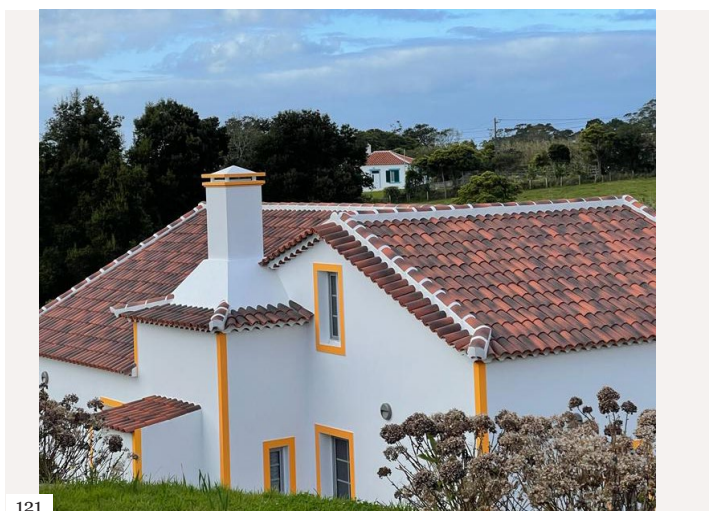


Local: -

Freguesia: São Pedro, Almagreira, Santa Bárbara

Data do Levantamento: 2023

Descrição: Exemplos de reabilitações pela ilha.





123



124



125



126



127



128



129

Palheiro e curral em pedra

f17



Local: Graça

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É um palheiro de apoio à produção agrícola, este que é acompanhado com um curral em pedra.





137



138



139



140



141



142



143

Local: Covas

Freguesia: Almagreira

Data do Levantamento: 2023

Descrição: É um palheiro de apoio à produção agrícola, com alterações, este que se encontra em grande estado de degradação.



144



145



146



147



148



149



150



151



152



153



154



155